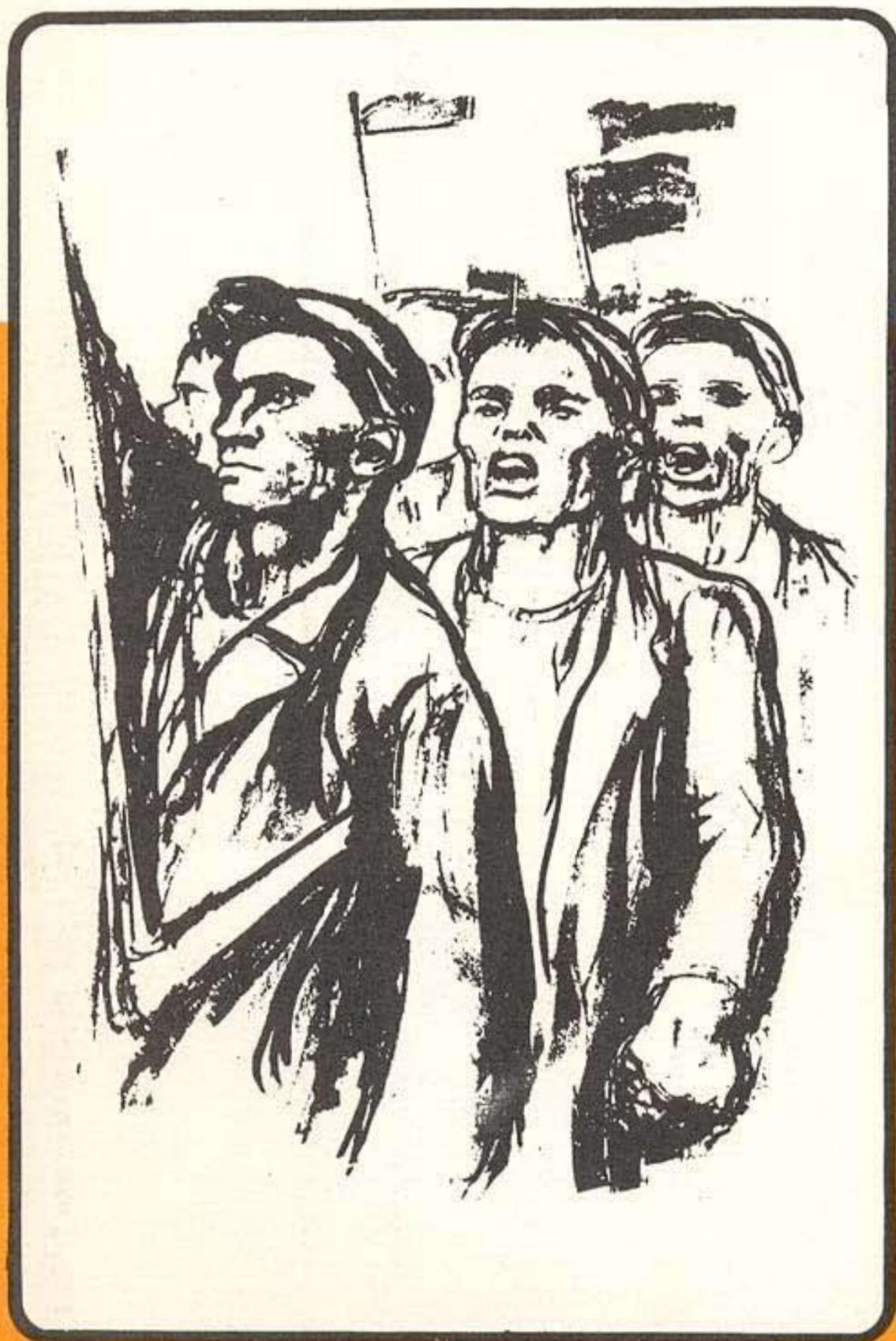


# Princípios

Revista teórica, política e de informação

Novembro/81 Cr\$ 150,00

## *A Degenerescência Capitalista da União Soviética*



*A Causa  
dos Desempregados  
é a Causa de  
Todos os Operários*

*A Situação  
Econômico-Política  
do Rio Grande do Sul*

*Graciliano Ramos  
e o  
Partido Comunista*

EDITORA ANITA GARIBALDI

3

# Princípios

## SUMÁRIO

PROGNÓSTICOS .....1

A DEGENERESCÊNCIA CAPITALISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA  
Luis Fernandes .....2

A CAUSA DOS DESEMPREGADOS É A CAUSA DE TODOS OS OPERÁRIOS  
A. Lozovski ..... 11

DIVERGÊNCIAS NO MOVIMENTO OPERÁRIO EUROPEU  
Vi. Lênin..... 15

QUE PROCURAM AS FROTAS MILITARES DAS SUPERPOTÊNCIAS NOS PORTOS DA IUGOSLÁVIA?  
Zéri i Popullit ..... 19

NO CONTINENTE AFRICANO: O GRAVE PROBLEMA DA HABITAÇÃO PARA O POVO DO ALTO-VOLTA  
Bug-Pãrga Takise  
Jewol-Jema.....23

A SITUAÇÃO ECONÔMICO-POLÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL  
Roberto A. Chiarelli.....26

GRACILIANO RAMOS E O PARTIDO COMUNISTA  
Clóvis Moura..... 30

**A DEGENERESCÊNCIA CAPITALISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA:** O proletariado dedica uma atenção especial aos ensinamentos da revolução de 1917 na Rússia. Também merece atenção o estudo das transformações promovidas por Krushov e por Brejnev, que liquidaram as conquistas operárias e restauraram o capitalismo na URSS.

pg. 2



**A CAUSA DOS DESEMPREGADOS É A CAUSA DE TODOS OS OPERÁRIOS:** Trabalho escrito em 1930, foi publicado por ocasião da Jornada Internacional de Luta Contra o Desemprego, organizada pela III Internacional e pela Internacional Sindical Revolucionária, da qual Lozovski era um dos principais dirigentes.

pg. 11

**A SITUAÇÃO ECONÔMICO-POLÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL:** A economia do Estado foi fortemente abalada pelo modelo econômico imposto ao país pelo regime militar. Reduz-se a produção de gêneros alimentícios e a atividade das indústrias de máquinas e implementos agrícolas. Cresce o desemprego e os preços dos alimentos, mas também as mobilizações em defesa dos direitos do povo.

pg. 26



**GRACILIANO RAMOS E O PARTIDO COMUNISTA:** Liberais e revisionistas procuram apresentar o intelectual como um elemento "independente" indisciplinado e neutro. Graciliano Ramos mostrou a falsidade desta idéia. Homem de Partido, destacou-se como um dos intelectuais de maior prestígio em nosso país.

pg. 30

A revista PRINCÍPIOS é uma publicação trimestral da Editora Anita Garibaldi Ltda. Rua Major Quedinho, 300 - s/3. São Paulo SP - Cep: 01050 - Fone: 37-7298 - Jornalista Responsável: João Amazonas - Reg. Profissional I. 258, fls. 196, livro 4, em Porto Alegre, 27.8.58. Assinatura anual: Cr\$ 600,00. Para o Exterior: US\$20. Enviar cheque nominal para Editora Anita Garibaldi Ltda., Rua Conselheiro Ramalho, 501 - Bela Vista - São Paulo - SP - Cep: 01325.

Capa: Gravura de K. Kollwitz "Manifestação"

# Prognósticos...

*Custou para que os homens do governo admitissem a existência da crise no país. Quando já ninguém mais se iludia sobre a realidade gritante do desemprego e da brusca redução da atividade produtiva em ramos essenciais da economia, os tecnocratas do Planalto prognosticavam ligeiras dificuldades setoriais na indústria. Afinal reconheceram: havia recessão. Mesmo porque os dados não deixavam lugar a dúvidas. Os do I.B.G.E., de maio deste ano, indicavam quase um milhão de desempregados nas seis maiores áreas metropolitanas. A Siderbrás registrava a ausência de boa parte das encomendas normais de aço. O presidente da Petroquímica da Bahia referia-se, preocupado, ao estoque em aumento de produtos químicos. O setor automobilístico, incluindo a fabricação de caminhões, continuava em descenso. E caíam as vendas a varejo em São Paulo e no Rio.*

*Face a esta situação, o governo começou a falar em relançar a economia, a partir do campo. Acontece que o Brasil anda perto da insolvência. O peso exorbitante dos juros e "amortizações" da dívida externa anula qualquer esforço para equilibrar o balanço de pagamentos. A cada ano maior é a necessidade da captação de recursos extraordinários no exterior a fim de cobrir déficits maciços. Em 1981, se prevê a captação mínima de 21 bilhões de dólares, que será obtida fundamentalmente através de novo endividamento a juros ainda mais altos. Além disto, os cálculos sobre o montante da exportação falharam. Dificilmente chegará aos 26 bilhões de dólares previstos.*

*Em conseqüência, põem-se em leilão as riquezas naturais. Carajás, a esta altura, vai passando às mãos do capital estrangeiro. A seu serviço já se encontra a hidroelétrica de Tucuruí que deve transformar a bauxita em alumina e alumínio para os trustes norte-americanos, japoneses, suíços e outros. Em seu benefício constrói-se uma estrada de ferro da Serra de Carajás ao litoral e um porto no Maranhão com a finalidade de transportar os minérios destinados ao exterior. O pouco que restar ao Brasil de semelhantes operações será reenviado aos banqueiros internacionais, fornecedores de crédito, objetivando saldar juros de dívidas em elevação.*

*E não é tudo. O governo pôs à venda 51 grandes empresas estatais. Empresas que, de direito e de fato, pertencem ao povo, do bolso de quem saiu, em última instância, o dinheiro para construí-las e fazê-las funcionar. Não exige muito esforço de imaginação localizar os prováveis compradores — os monopólios estrangeiros. São eles que dispõem de dólares para "fechar" o negócio, dólares de que o governo precisa para atender compromissos internacionais impostergáveis. E o preço? Será o do vendedor que anda com a corda no pescoço.*

*Enfim, crise econômica grave, crise financeira ainda mais grave. O país se aproxima, dia a dia, dos limites perigosos da subjugação completa aos interesses alienígenas. A isto nos conduziu a política antinacional e antipopular dos detentores do poder desde 1964.*

*Contudo, os prognósticos oficiais, sem base real, continuam otimistas. Tudo depende da exportação... ou, como dão a entender os dirigentes da FIESP, de um milagre. Milagre da ascensão dos negócios no 2º semestre. Apoiados em quê esperam melhorar a situação? Uma retomada no ritmo industrial demanda efetiva melhoria do mercado interno e este prossegue em baixa com a falta de emprego, a redução dos salários e vencimentos, a carestia de vida. Quanto à abertura do mercado externo, as dificuldades são intransponíveis. Ainda agora, em que pese o militarismo desvairado de Reagan, os Estados Unidos defrontam-se com a acentuação da crise. O que ocorre também na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Polônia etc.*

*A solução dos problemas brasileiros atuais reclama providências enérgicas ao nível da gravidade do momento que o país atravessa. Ou seja, mudança de profundidade na orientação econômico-financeira e social do governo; medidas drásticas quanto às dívidas externas; defesa dos interesses nacionais e populares. Tal solução implica necessariamente na unidade do povo, na obtenção de um regime de verdadeira liberdade, na democracia substantiva. A saída é, assim, política, antes e acima de tudo.*

*Um prognóstico conforme a realidade.*

# A Degenerescência Capitalista da União Soviética

*Luís Fernandes*

*Com toda a razão, o proletariado de todo o mundo dedica uma atenção especial ao estudo dos ensinamentos da revolução socialista de 1917 na Rússia. Da mesma forma, merece atenção o estudo das transformações promovidas por Krushov e por Brejnev, que liquidaram as conquistas operárias e restauraram o capitalismo na URSS.*

No início de julho, o ministro Delfim Neto chamou a atenção de toda a opinião pública ao visitar uma grande capital estrangeira, acompanhado de 150 dos maiores empresários nacionais. Entre caviar e goles de champanhe, foi negociada a participação dos hospedeiros na região de Carajás, na exploração da nossa riqueza petrolífera e até na montagem de empresas mistas multinacionais para operar em outros países.

Até aqui, nada de novo. Há anos que Delfim vem fazendo esse mesmo tipo de negociata em Nova Iorque, Londres, Paris, Bonn etc. Mas o que deu maior repercussão a esta última viagem é que o nosso Ministro do Planejamento se desviou da sua já tradicional rota de mendicância junto aos grandes centros financeiros do mundo ocidental, a fim de contrair novas dívidas e acordos **em Moscou, junto aos dirigentes soviéticos!**

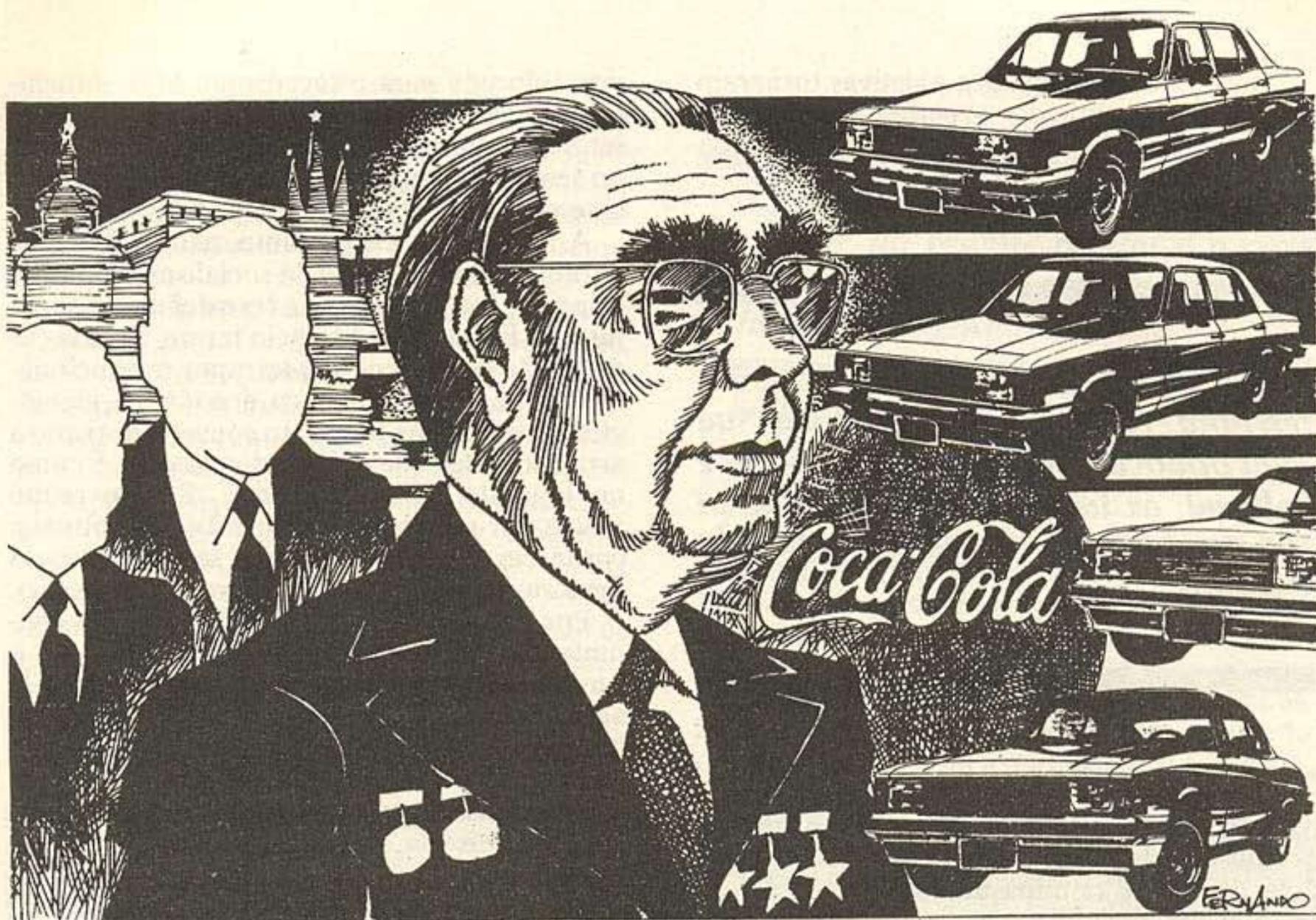
Surpreendente, ou mesmo incompreensível, a quem sempre pensou que o famoso **ouro de Moscou** só enchia os bolsos de **perigosos subversivos**, este fato traz à tona uma discussão da máxima importância para todos os interessados em fazer do Brasil um país livre e independente: que União Soviética é essa que entra agora nos planos entreguistas do governo brasileiro?

A questão levantada induz a uma discussão aprofundada sobre a própria natureza do

sistema sócio-econômico vigente na União Soviética dos nossos dias. Esta avaliação tem de se pautar em **dados concretos**, pondo de lado qualquer apreciação simplista, superficial ou dogmática. Só encarando de frente a experiência soviética poderemos colher ensinamentos que orientem a luta pelo socialismo agora e no futuro. A polêmica, pois, deve ser travada à luz dos princípios e das concepções fundamentais do socialismo científico.

## EXISTEM POSSIBILIDADES REAIS DE RETROCESSO DO SOCIALISMO

Logo de cara é preciso descartar como absurda e antidialética a posição dos que negam a possibilidade de um retrocesso em sociedades socialistas com afirmações do tipo "a roda da História só anda para a frente, não anda para trás". Mesmo os historiadores idealistas burgueses reconhecem que a História não marcha de maneira linear, mas sim em constantes ziguezagues. O seu percurso é necessariamente complexo e acidentado, com avanços e recuos, vitórias e derrotas, ascensos e descensos, momentos de acúmulo e de dispersão de forças. Na História da humanidade, **todas** as grandes revoluções sofreram revêzes. Nunca um novo modo de produção se afirmou de um só golpe, sem sofrer uma longa sucessão de derrotas, tropeços e retrocessos temporários.



É verdade que, do ponto de vista marxista, “a roda da História só anda para a frente”. Mas isto pode ser entendido unicamente como o movimento geral de toda a humanidade. Dentro deste, um grupo ou um sistema em particular tem possibilidade de aparecer com força inicialmente e depois ser desarticulado para somente aparecer com força redobrada mais adiante. A própria revolução burguesa de 1789 na França não sofreu um retrocesso? E a História está repleta de exemplos de Estados operários que foram suprimidos pela violência armada da burguesia, como a Comuna de Paris em 1871 e a República Soviética Húngara em 1919.

Essa tese da “roda”, vulgarização dogmática do marxismo, é ainda mais ridícula se analisarmos as particularidades da revolução socialista em relação à revolução burguesa. No caso desta, as bases econômicas do capitalismo já estão sedimentadas e desenvolvidas no interior da sociedade feudal. A tarefa da revolução é apenas a de romper com as amarras dos restos feudais na superestrutura, que impedem o pleno desenvolvimento da economia capitalista. Na revolução socialista, porém, é bastante diferente. A classe operária, ao tomar o poder político, tem de reordenar toda a sociedade em moldes inteiramente novos, inclusive a eco-

nomia! Uma tarefa muitas vezes mais complicada do que a enfrentada pela burguesia revolucionária.

E, se examinarmos o caso concreto da revolução na URSS, a tese da “roda” vai de vez para o lugar que merece — a lata de lixo da História! Por ser a primeira revolução proletária vitoriosa no mundo, a classe operária soviética não se pôde pautar em nenhum exemplo histórico de construção socialista anterior, a não ser no da efêmera e malograda experiência da Comuna de Paris. Tateando um terreno inteiramente desconhecido, a possibilidade de pisar em falso e cometer erros graves sempre foi muito grande.

Além disso, a URSS herdou do passado acentuado atraso econômico, social e cultural. A Rússia pré-revolucionária era um país capitalista atrasado, arruinado pela guerra e com uma população predominantemente camponesa e analfabeta. A derrota da vaga revolucionária nos demais países da Europa durante a I Guerra Mundial deixou as jovens repúblicas soviéticas sob hostil cerco capitalista sem o auxílio direto de outros Estados operários. E, para agravar tudo, o poder dos soviets teve de enfrentar guerras civis e duas invasões imperialistas além da destruição causada pela 2ª Guerra Mundial.

Todas estas dificuldades objetivas tornaram ainda mais acentuado o perigo concreto da degeneração e do retrocesso na primeira pátria do socialismo.

---

*“Se a sociedade não avança na ininterrupta revolucionarização da sua vida política, econômica, ideológica e cultural, as forças do conservadorismo a arrastarão de volta à lógica do passado”.*

---

No fundo, esta desgastada teoria da “roda” volta-se contra a própria essência da sociedade socialista. Ela parte do pressuposto de que a luta de classes termina uma vez construída a base econômica do socialismo. Daí para a frente, as bases político-ideológicas ou sócio-econômicas para a degeneração do socialismo e a restauração do capitalismo não poderiam ser criadas. A questão central passaria a ser a de garantir o “pleno desenvolvimento das forças produtivas”.

Esta nova reedição das teses economicistas combatidas por Lênin, se contrapõe em gênero, número e grau à compreensão marxista do problema. A compreensão do socialismo enquanto **etapa de transição**, é um dos pontos fundamentais do socialismo científico. Como Lênin ressaltava, é um período de **luta aguda** entre as forças da velha sociedade capitalista que agoniza e a nova sociedade comunista que nasce. Até o pleno triunfo desta, a questão de “Quem vencerá?” não estará resolvida.

Embora as classes exploradoras possam ser expropriadas rapidamente, as suas idéias, valores e preconceitos, que dominaram a sociedade durante séculos, continuam presentes na cabeça dos homens. E a nova sociedade ainda herda do velho sistema de classes uma série de diferenças, como as distinções entre campo e cidade, entre trabalho manual e trabalho intelectual etc. Eliminar estas diferenças elevando constantemente o nível de vida material e cultural do povo é exatamente a tarefa histó-

rica colocada para o socialismo. Mas, influenciados pelo pensamento do passado, alguns setores favorecidos lutam de todas as maneiras no sentido de barrar esta transição e restaurar o sistema de desigualdade e injustiça.

A luta de classes, portanto, não só continua durante todo o período do socialismo como é a principal **força motriz da transição ao comunismo!** E aqui não há meio termo. Se a sociedade não avança na ininterrupta revolucionarização da sua vida política, econômica, ideológica e cultural, as forças do conservadorismo a arrastarão de volta à lógica do passado. É como no jogo do “cabo-de-guerra”. Se um grupo relaxa por pouco que seja o esforço de puxar a corda em sua direção, acaba sendo arrastado inexoravelmente para o campo do adversário.

Por tudo isso, perder a perspectiva do conjunto das tarefas necessárias para levar até o fim a revolução socialista significa condená-la ao retrocesso. Teorias como a da “roda”, das “forças produtivas” e outras semelhantes, não passam de **plataforma ideológica das forças interessadas no retorno ao sistema de exploração e miséria**, ainda que com uma forma nova e diferente.

## REFORMULAÇÃO CAPITALISTA NA ECONOMIA DA URSS

A ascensão do grupo de Kruschov, na década de 50, cristalizou na direção do PCUS exatamente esse abandono da perspectiva revolucionária na transição do socialismo para o comunismo. Ela representou uma vitória da parcela de altos funcionários do Estado e do Partido, administradores e diretores de empresa etc, inconformados com o caminho que a sociedade soviética vinha trilhando até então. A nível econômico, isto se traduzia numa política pragmática e imediatista que buscava expandir a economia **ampliando** as diferenças e os privilégios herdados do capitalismo

As primeiras medidas tomadas em 1957 voltaram-se diretamente contra o caráter centralizado da economia socialista. Aboliram os ministérios de planejamento central e em seu lugar criaram 105 conselhos econômicos regionais descentralizados. Em seguida, as Estações de Máquinas e Tratores foram **vendidas** às fazendas coletivas, transformando máquinas

pertencentes a todo o povo em propriedade de trabalhadores de uma única unidade de produção. Alargaram os poderes e direitos dos diretores e a responsabilidade dos órgãos locais e das empresas. Assim, foram sendo liberadas na agricultura e na economia como um todo forças centrífugas que abriam caminho à reincorporação de métodos capitalistas e ao fortalecimento de relações mercantis.

Estas reformulações, no entanto, tiveram efeitos catastróficos para a economia soviética. Como resultado da reorganização da agricultura, os preços da carne e dos laticínios aumentaram 30 e 20%, respectivamente, em 1962. A eliminação dos ministérios centrais deu asas a um regionalismo estreito que rompia com qualquer tentativa de planejamento racional. Em 1959, por exemplo, houve um excedente na produção de roupas no valor de 1,485 milhão de rublos. Em 1964 esse excedente foi de 4,133 milhões! O caos no abastecimento levou à proliferação do mercado negro, onde diretores de empresa compravam ilícita e diretamente de outros diretores os bens necessários para a produção. A classe operária, ressentindo-se de uma desigualdade crescente, não mais encontrava estímulo para o trabalho. De 1959 a 1965 houve uma desaceleração acentuada na economia com níveis de produtividade extremamente baixos. Assim, se em 1959 se produziam 62,6 kopecks de renda para cada rublo investido, em 1965 essa produção era de apenas 53 kopecks.

Todo esse quadro caótico era resultado do choque entre os novos métodos capitalistas reintroduzidos na economia e os elementos socialistas ainda presentes. Para a nova camada dirigente soviética era agora necessário promover uma conversão global e integral de toda a economia.

## INTEGRAÇÃO GLOBAL DA UNIÃO SOVIÉTICA NO SISTEMA DO CAPITALISMO

Com esta plataforma Brejnev ascendeu ao poder afastando Kruschov em 1964. As diretrizes para tal reestruturação foram lançadas nas decisões do CC do PCUS de março e setembro de 1965 e no 23.º Congresso desse partido em 1966. Mundialmente conhecidas como as "Reformas de Kossiguin", deram o

tiro de misericórdia no que restava de socialismo na economia soviética.

Logo de saída foram restabelecidos os ministérios centrais abolidos por Kruschov. Isto levou os observadores mais superficiais e afoitos a apontarem um "retorno ao socialismo". Mas não era nada disso. O restabelecimento dos ministérios não foi qualquer retorno ao sistema antigo. Eles voltaram a operar em **bases inteiramente diferentes**, nada tinham de socialistas, toda a economia passou a funcionar segundo as condições impostas pela "Reforma Econômica"

Os aspectos centrais desta reforma foram os seguintes:

1. A meta central da produção de cada empresa passa a ser o lucro.
2. As empresas passam a funcionar segundo o sistema de autogestão financeira, gerindo e gerando seus próprios recursos.
3. Os administradores e diretores passam a gozar de poder quase ilimitado dentro de suas empresas a ponto de poderem até mesmo despedir operários.
4. O sistema de preços passa a gozar de maior "flexibilidade" para acompanhar as oscilações das forças de mercado.

Qual o significado e o alcance deste conjunto de medidas? Nota-se, de imediato, que elas apontam num sentido diametralmente oposto ao exigido pelas tarefas da transição ao comunismo. A teoria marxista indica que um dos grandes desafios do socialismo é exatamente restringir de maneira sistemática a operação das relações mercantis e da lei do valor. O Estado socialista tem de gerir a economia nacional como se se tratasse de uma única e imensa fábrica. Não é esse o sentido das medidas adotadas.

Apoiar cada empresa na lógica voraz do lucro significa romper com qualquer possibilidade de crescimento estável, acelerado e proporcional da economia. Os critérios do lucro e da rentabilidade no socialismo só podem ser encarados do ponto de vista de **toda** a economia nacional durante um **longo** período de tempo. Apesar de alguns ramos serem menos lucrativos em termos imediatos, o Estado tem de investir **prioritariamente** na indústria pesada de bens de produção, pois é ela que garante o desenvolvimento contínuo da economia e do bem-estar do povo a médio e a longo prazo.

Com o sistema de autogestão financeira, os próprios meios de produção da sociedade soviética voltam a ser mercadorias. As empresas passam a pagar ao Estado pela sua utilização! Já em 1970, este mercado de meios de produção era responsável por 2/3 das vendas na economia soviética. A "Reforma" também estabeleceu a montagem de lojas de vendas de meios de produção onde diretores de empresa compram diretamente de outros os bens de capital necessários à produção **sem sequer passar pelo plano estatal!** Na prática, foi a oficialização do mercado negro que floresceu com as medidas iniciais de Kruschov.

***"A classe operária soviética é novamente submetida a uma disciplina burguesa repressiva de trabalho que se baseia na ameaça de ser o trabalhador colocado no olho da rua se não andar na linha".***

Mas o item que talvez revele de modo mais completo até que ponto se abandonara a política comunista é o poder de demitir trabalhadores conquistado pelos diretores das empresas. No socialismo, toda a força viva da nação é aproveitada até o último homem e distribuída da maneira que melhor sirva ao conjunto da população. O homem é encarado como o capital mais precioso da economia e da Revolução. O direito inalienável do homem ao trabalho é uma conquista consagrada na Constituição soviética de 1936, que só um regime socialista pode implementar. Assim, a disciplina do trabalho é livre e consciente, baseando-se não na ameaça do desemprego mas na certeza de que os frutos do trabalho não alimentam qualquer minoria exploradora.

Com as "Reformas de Kossiguin" este direito é negado. A classe operária soviética é novamente submetida a uma disciplina burguesa-repressiva de trabalho que se baseia na ameaça de ser o trabalhador colocado no olho da rua se não andar na linha. A própria imprensa do país reconhece que freqüentemente são despedidos operários só por responder mal ou se opor a um diretor da empresa. Formalmente não pode haver demissões sem a aprovação do sindicato, mas na prática os sindicatos são instrumentos dóceis dos dirigentes. O jornal soviético

*Trud*, relatou um caso na Geórgia onde, de 569 dispensas ilegais, 2/3 haviam sido aprovados pelo sindicato!

Os dirigentes soviéticos chegaram mesmo ao requinte de inventar um esquema chamado "Shchekimo" no qual, para facilitar as demissões, parte dos salários dos operários demitidos é repassada para os que ficam! Assim, em vez de cultivar os laços de união e camaradagem entre os trabalhadores, semeia-se a divisão e a competição mais doentia. A força de trabalho volta novamente à triste condição de mercadoria na economia soviética!

E aqui chegamos ao "X" da polêmica. O alcance da "Reforma Econômica" não foi simplesmente o reforço das relações mercantis, nem a descentralização. Estas medidas não passavam de **conseqüência** de um problema mais profundo - **a economia soviética voltara a operar em bases essencialmente capitalistas!**

Levantam-se novamente as vozes dos arautos do dogmatismo revisionista — "mas como, se não existe propriedade privada e a economia é planificada?"

O método de análise marxista ensina ir além da simples **aparência** dos fenômenos para apreender a sua **essência**. Não podemos julgar uma sociedade pelo que ela afirma ou pensa de si mesma. Temos de investigar bem mais fundo, ver as **relações reais de produção** e a **realidade objetiva** dessa sociedade. No caso soviético temos de enxergar além da **inexistência formal e jurídica** da propriedade privada para ver se ela existe **de fato**.

A essência do conceito de "propriedade" diz respeito à liberdade de **dispor** e de se **beneficiar** de algo. No caso da propriedade privada, ela se refere à existência de uma classe detentora dos meios de produção (a burguesia) que acumula riqueza explorando a mão-de-obra assalariada que a cria. Já vimos acima quem **controla** as decisões econômicas (dispõe) das empresas soviéticas, mas quem se **beneficia** da riqueza produzida pelos trabalhadores da URSS?

## MEIOS DE ENRIQUECIMENTO DA NOVA BURGUESIA

Na verdade, os grandes beneficiados são os altos funcionários do Estado, da Economia e do Partido. Parte da riqueza é reinvestida na

economia e acaba tragada no redemoinho da caça aos lucros. O resto vai encher os bolsos desta nova burguesia do seguinte modo:

### 1. Através da ampliação do leque salarial.

Os salários soviéticos são cada vez mais desiguais. Enquanto um operário da indústria tem um salário mínimo de 70 rublos por mês e na agricultura de 52 rublos, um membro da burocracia do Estado, do Partido, das Forças Armadas, um cientista etc pode ganhar 3, 4, 5 mil rublos mensais ou mais. Em 1966, por exemplo, o diretor da fábrica de lâmpadas de Moscou recebia mil rublos por mês, ao passo que o salário médio dos operários era de 60 a 70 rublos. Já no Azerbaijão, o secretário da Fazenda Coletiva de Baku percebia um salário médio mensal de 1.075 rublos e os camponeses recebiam em média apenas 38 rublos.

*“Uma lista incompleta dos carros de Brejnev, em 1975, incluía um Mercedes 900, um Mercedes 280, três Rolls Royces, um Citroën SM e um Maserati”.*

### 2. Através do complicado sistema de prêmios e bonificações.

O grosso dos Fundos de Estímulo Material existentes nas empresas reverte para os próprios administradores e diretores. Investigações e pesquisas realizadas no primeiro grupo de empresas que passou ao novo sistema da “Reforma Econômica” revelaram que 46,6% dos fundos dessas unidades iam para os prêmios mensais dos administradores, 15,5% para os trabalhadores e o resto ficava para bônus anuais. Na firma de Engenharia Industrial de Zipetsk, o administrador, num mês, recebeu prêmios no valor de 1.300 rublos, igual ao salário regular de dois anos de um trabalhador! E a porcentagem dos lucros retidos nos Fundos de Estímulo aumenta em proporção direta à lucratividade da empresa. Assim, o diretor tem interesse pessoal direto em aumentar a todo custo os lucros da sua unidade.

### 3. Através das regalias sociais e mordomias.

Os altos funcionários têm automóveis por conta do Estado, direito a mais de uma casa, possibilidade de adquirir em lojas especiais artigos de consumo que não se encontram nos estabelecimentos destinados ao grande público etc. Os membros superiores do governo pos-

suem “conta ilimitada” no Banco do Estado e quando querem comprar alguma coisa é só retirar os rublos que desejam. Uma lista incompleta dos carros de Brejnev, em 1975, incluía um Mercedes 900, um Mercedes 280, três Rolls Royces, um Citroën SM e um Maserati.

Por tudo que foi dito, não resta dúvida de que a propriedade estatal soviética se transformou numa forma de propriedade privada capitalista com alto grau de concentração. É claro que por ser um capitalismo oriundo da degeneração do socialismo, o novo sistema tem algumas características diferentes do dos países de capitalismo clássico. Na União Soviética, a **mais-valia** não é apropriada de acordo com o capital de cada capitalista, mas distribuída conforme o posto ocupado pelo funcionário na hierarquia estatal, econômica etc. Apesar de todas as medidas descentralizadoras, a economia preserva um grau de centralização e planificação estatal maior do que nos países do Ocidente. Só mesmo na mais vulgar das definições de dicionário, se pode identificar tal planificação com o socialismo. É esta definição que permite ao ministro Delfim Neto se caracterizar como um “socialista fabiano” e ao Brasil como um país “meio capitalista, meio socialista...”

## REINCORPORAÇÃO NA ECONOMIA CAPITALISTA MUNDIAL

A passagem do conjunto das empresas industriais às condições das Reformas de Kossiguin foi concluída em 1970. Em 1968 já havia sido efetuada a transferência do grosso das empresas, representando 81% dos lucros e 71% da produção. No campo, foi um pouco mais demorada e só ao final do nono quinquênio, em 1975, se concluiu a mudança de todas as fazendas estatais para o novo sistema.

Entrementes, a economia soviética sofreu um processo extremamente rápido de concentração capitalista da produção. Em 1960 existiam 200.000 empresas industriais. Em 1970 já eram apenas 50.000! Em 1973, o governo aprovou um decreto obrigando as empresas a se unificarem em gigantescos aglomerados, autênticos trustes capitalistas operando segundo o sistema de autogestão financeira.

Em princípios de 1976, eles já eram responsáveis por 24% da produção industrial. A conclusão da formação destes conglomerados estava prevista para o final do décimo quinquênio, em 1980.

A restauração capitalista na economia da URSS acarretou também sua inevitável reintegração na economia capitalista mundial. Um dos aspectos centrais dessa reintegração foi justamente a reabertura da economia soviética aos investimentos imperialistas. Em 1976, 17 multinacionais norte-americanas, 18 japonesas, 13 alemãs ocidentais, 20 francesas, 7 italianas etc tinham-se instalado na União Soviética ou ali possuíam escritórios.

***“Só de 1970 a 1975, a URSS importou instalações completas para quase duas mil unidades industriais”.***

Esta penetração de capitais externos se dá de diversas formas. Uma, a co-produção, baseia-se no fornecimento de técnicas de gestão, licenças, máquinas etc, pelas firmas ocidentais, e no fornecimento de trabalhadores e instalações por parte dos monopólios estatais soviéticos. Outra, a aquisição de patentes e licenças de produção, leva à instalação de fábricas **idênticas** às do Ocidente, como no caso da FIAT. Só de 1970 a 1975, a URSS importou instalações completas para quase duas mil unidades industriais! E já cogita, a exemplo dos demais países do leste europeu, de permitir a instalação de **joint-ventures**, empresas mistas de capital ocidental e soviético.

Além dos evidentes laços de dependência tecnológica e da participação das multinacionais na partilha da **mais-valia** extraída da classe operária soviética, este caminho leva ao crescente endividamento do país junto aos grandes centros financeiros do mundo capitalista. A dívida externa da URSS já se aproxima de 20 bilhões de dólares. Só em janeiro deste ano, 20 bancos da Alemanha Federal emprestaram-lhe 5,3 bilhões de dólares para a construção de um gasoduto.

Este é um lado da moeda. O outro, é a crescente exportação de capital excedente soviético que busca aplicação mais lucrativa no

exterior. No início da Reforma, algumas empresas e às vezes alguns ministérios, declaravam que os seus fundos de investimentos não podiam ser integralmente utilizados a nível interno nessas unidades, pois a lucratividade das inversões sofreria uma queda. Isto nada mais é do que a formação de um capital excedente, que por força da lógica voraz do lucro acaba pressionando no sentido da expansão externa, buscando assegurar altos lucros em outros países à custa da espoliação de seus povos.

Esta política expansionista manifesta-se de diversas formas:

### **1. Através da concessão de créditos e “ajudas”.**

Os créditos soviéticos têm juros e termos de pagamento a longo prazo, **aparentemente** baixos (cerca de 2,5% ao ano, em 12 anos). Na verdade, porém, é muito mais do que isso. A URSS usa de artifício muito semelhante ao que fazem as multinacionais para burlar a lei de remessas de lucros aqui no Brasil. Assim, exige que os recursos sejam utilizados na **compra de materiais soviéticos**, os quais são vendidos aos países credores **a preços bem superiores aos do mercado!**

Em 65 mercadorias exportadas para o chamado mundo subdesenvolvido, 53 eram vendidas **a preços mais altos** para os países que recebiam créditos ou “ajuda”. Na década de 60, a União Soviética emprestou à Índia um bilhão e 200 milhões de dólares. 70% dos produtos vendidos àquele país, nesse período, foram de 20 a 30% mais caros que no mercado mundial! Por outro lado, os soviéticos também vinculam o pagamento dos créditos à compra de determinados produtos a preços **bem abaixo** dos do mercado mundial. Assim, os preços fixados para os produtos indianos nos acordos Índia-URSS eram, na maior parte dos casos, 20 - 30% inferiores aos do mercado internacional. Desse modo a União Soviética acaba levando vantagem tanto na entrada como na saída!

### **2. Através do investimento de capital financeiro.**

Grande parte dos lucros conseguidos nas transações mencionadas nem sequer voltam para a URSS. São aplicados em bancos soviéticos que atuam como quaisquer outros nos mercados financeiros do Ocidente. O Banco Narodny, de Moscou, possui em Londres um patrimônio de bens imóveis e móveis maior que o Banco da Irlanda. Em Paris, funciona o Banco Comercial para a Europa do Norte; em Zurique, o banco Vokohod e em Frankfurt, o Banco Leste/Oeste. Estes bancos emprestam agora a juros bastante mais elevados que os créditos iniciais.

Agências soviéticas como a “Black Sea and Baltic Insurance Co.”, em Londres, subsidiária da agência estatal de seguros da URSS GOSSTRAKH, ajudam até mesmo a segurar empresas americanas contra o perigo de expropriação em mais de 70 países dependentes! Ou seja, os social-imperialistas soviéticos acabam irmanados com o imperialismo norte-americano no mesmo objetivo de conter qualquer onda revolucionária!

**“Em algumas dessas transações, a União Soviética jogou um papel de autêntico mercador intermediário”.**

### 3. Através da montagem de empresas mistas no exterior.

Os soviéticos estão-se voltando para este tipo de empreendimento com entusiasmo cada vez maior. Já montaram uma série de empreendimentos junto com outros governos capitalistas. Na viagem de Delfim Neto foram propostas várias iniciativas mistas com grandes empresários brasileiros. Hoje, calcula-se que existam 84 empresas multinacionais soviéticas, chamadas sociedades mistas, que atuam em 26 países.

### 4. Através das relações de troca desigual na economia mundial.

A União Soviética reproduz em seu benefício a divisão internacional do trabalho imposta aos países dependentes tanto pelo imperialismo como por seu próprio desenvolvimento histórico. Um instrumento central nessa estratégia é tentar reorientar os padrões de comércio dos países do chamado 3.º Mundo. E aqui muitas vezes os soviéticos pagam mais alto por alguns bens, inicialmente, para depois pagar abaixo dos preços mundiais quando a dependência nas compras já estiver assegurada.

Assim, dos produtos exportados pela URSS, 63 vão tanto para países mais avançados, como para nações do chamado 3.º Mundo. Destes artigos, 43 eram vendidos mais caro aos países menos desenvolvidos! Em 1965, estes pagaram de 15 a 25% mais por suas importações da URSS do que os mais adiantados pelos mesmos produtos. No que diz respeito a máquinas e ferramentas, a diferença era ainda maior - 34,7%. Desta maneira, o COMECON pulou de um déficit de 145 milhões de dólares

na sua balança comercial com o chamado 3.º Mundo, em 1960, para um superávit de 8,346 bilhões de dólares em 1977!

Em algumas dessas transações, a União Soviética jogou um papel de autêntico mercador intermediário! Em plena Guerra de Outubro contra Israel, em 1973, exigiu dos países árabes o pagamento imediato das armas que lhes tinha vendido. Os iraquianos aceitaram pagar exportando petróleo a preços bem reduzidos, no valor de 6 milhões de libras. Depois se descobriu que mesmo antes do fornecimento os soviéticos já tinham vendido esse petróleo à Alemanha Federal por **18 milhões de libras!**

Os quatro itens citados, aliados à criação de fortes laços de dependência tecnológica, à co-participação soviética na hedionda corrida armamentista a nível mundial, bem como às relações de autêntica vassalagem existentes no interior do COMECON, dão a medida exata da política externa da URSS. É uma política **socialista em palavras**, mas **expansionista, imperialista na sua essência**. Uma política **social-imperialista** e agressiva. Os exemplos da Checoslováquia, Eritreia e Afeganistão estão aí para quem quiser ver até onde a União Soviética pode ir na sua disputa mundial com o imperialismo norte-americano. Por isso, não é de estranhar que ela entre agora nos planos entreguistas do governo brasileiro. E por “coincidência” o projeto de **abertura** e o general Figueiredo só têm recebido menções honrosas ultimamente nas transmissões da Rádio Moscou...

A conclusão de toda esta análise é clara. A primeira pátria do socialismo decididamente não é mais socialista. Tanto não é, que está sendo atingida em cheio pela crise que assola o sistema capitalista mundial. E como em qualquer país capitalista que se preze, o peso da crise é descarregado sobre os ombros da população.

## A SOCIEDADE SOVIÉTICA DEFRONTA-SE COM AS CHAGAS TÍPICAS DO CAPITALISMO

Tem havido uma quebra acentuada no crescimento industrial da URSS. De uma média de 13% - a maior do mundo - de 1928 a 1955, ela desceu para 7,4%, de 1971 a 75, e acabou

ficando em 3,6% em 1980! Oficialmente não existe desemprego. Mas a revista soviética *Smena* revela que nos primeiros anos de 1970, só na indústria de construção, os trabalhadores ficavam em média 23 dias entre um emprego e outro, podendo estender-se em alguns casos, a seis meses e até um ano! O que é isto senão desemprego?! Embora não reconheçam formalmente o problema, os dirigentes soviéticos são obrigados a encará-lo na prática. Assim, no final dos anos 60, foram abertos cerca de 80 "Birôs para a Utilização de Recursos Humanos", que não passam de Agências de Desemprego com outro nome e buscam alocar mais rapidamente a mão-de-obra ociosa.

A agricultura também é sacudida por violenta crise. Já é conhecida a dependência soviética em relação à importação de cereais do Ocidente. No ano passado a produção agrícola global caiu 3%, a de grãos ficou 30 milhões de toneladas abaixo das metas pré-fixadas e **diminuiu** mesmo 15 milhões de toneladas em relação a 1979. Este quadro tem provocado um autêntico êxodo de camponeses em direção às cidades, de certo modo semelhante ao que vivemos no Brasil. Entre 1959 e 1970 mais de 16 milhões de pessoas emigraram das zonas rurais para os centros urbanos à medida que se agravavam as condições de vida no campo. Isto levou a uma autêntica explosão populacional em cidades como Moscou, que tem hoje 8 milhões de habitantes e Leningrado, com 5 milhões. Fica evidente que a contradição entre o campo e a cidade se aguça cada vez mais na sociedade soviética!

Oficialmente também não existe inflação, mas na prática já foram feitas várias revisões do sistema de preços cedendo à pressão inflacioná-

ria. Além disso, o tabelamento dos preços nessa economia dominada pelo lucro leva ao fenômeno da "inflação fantasma", caracterizada pela crescente escassez de produtos, pelo aumento vertiginoso nos depósitos de poupança e pelo florescimento de um vigoroso mercado negro. Assim, em 1972 e 1973, por exemplo, 1/3 das empresas no Casquistão ultrapassaram os preços tabelados. Ao fixar os preços, os diretores aumentavam os custos de produção artificialmente a fim de obter maiores lucros!

Já não restam dúvidas. A sociedade soviética de hoje é afligida por todas as chagas típicas do capitalismo. E isto é motivo de grande consternação para as forças interessadas em conquistar a liberdade. Não é com ânimo leve que se constata a degeneração de uma revolução. Ainda mais quando se trata da União Soviética, precursora do socialismo no mundo e baluarte heróico da derrota do nazi-fascismo na 2ª Guerra Mundial!

As forças alinhadas com o imperialismo aproveitam-se disso para tentar desacreditar a teoria e os ideais comunistas perante os olhos das massas trabalhadoras do mundo. Afirmando que a experiência soviética, a chinesa, a iugoslava etc. descomprovam a validade dos enunciados básicos dos teóricos do socialismo científico. Não é verdade. A teoria marxista não está em crise. A raiz da degeneração da Revolução em todos esses países encontra-se exatamente na **revisão** dos princípios dessa teoria. O caso soviético comprova que os conceitos fundamentais do marxismo mantêm **toda a sua atualidade**. Isto deve servir de alento para todos os que sustentam ideais, anseios e aspirações transformadoras!

#### BIBLIOGRAFIA

As principais fontes utilizadas para este artigo foram:

##### FONTES SOVIÉTICAS:

1. "Manual de Economia Política. Socialismo", vários autores - Ed. Progresso, Moscou, 1977.
2. "A Reforma Econômica Soviética: Progressos e Problemas", vários autores - Ed. Progresso, Moscou 1972.
3. "A Experiência da Gestão Industrial na União Soviética", S. Kamenitser - Ed. Progresso, Moscou 1975.
4. "Como a URSS Planifica sua Economia Nacional", Konstatin Lukyanov e Boris Tsvetkov - Agência Novosti, Moscou 1973.
5. "Organização da Indústria e Construção na URSS", A. Omarov - Ed. Estampa, Lisboa 1976.
6. "O Sistema de Organização e Gestão Socialista - 1º

Vol.", Germain Gvichiani - Moraes Editores, Lisboa 1977.

Foram usados também vários artigos de jornais e revistas soviéticas como a Pravda, Trud, Izvestia, Ekonomitschkaia Gazeta, Planovoie Khoziastvo, Voprosy Ekonomiki, Ekonomicheskie Nauki e o Novy Mir.

##### FONTES ESTRANGEIRAS:

1. "Vodka-Cola", Charles Levinson - Editions Stok, Paris 1977.
2. "Social And Economic Inequality In The Soviet Union", M.E. Sharpe Inc. White Plains 1977.
3. "Conference on the Nature of the Soviet Union and its Tole in the World Today", vários trabalhos - New School Economics Society, Nova Yorque 1979.

Além destes foram utilizados vários artigos e publicações de menor importância.

# A Causa dos Desempregados é a Causa de Todos os Operários

A. Lozovski

*Trabalho escrito em 1930, quando uma grande crise atingia seriamente o sistema capitalista mundial. Foi publicado por ocasião da Jornada Internacional de Luta Contra o Desemprego, organizada pela III Internacional e pela Internacional Sindical revolucionária, da qual Lozovski era um dos principais dirigentes. Certamente, a situação e os problemas atuais não são os mesmos daquela época, mas as idéias gerais deste trabalho merecem a atenção dos estudiosos da questão social.*

O desemprego está agora no centro das atenções de dezenas de milhões de proletários. Com efeito, em todos os grandes países capitalistas quase não há famílias operárias que não tenham sido afetadas por ele. A estabilidade capitalista venerada pela burguesia e pelo social-fascismo rebenta por todos os lados. A vaga de desemprego cresce cada vez mais e coloca o proletariado internacional perante toda uma série de problemas importantes e complicados. Como organizar os sem-trabalho? De que modo estabelecer uma ligação entre eles e os operários ocupados? Será necessário apresentar reivindicações parciais em favor dos demitidos ou bastará limitarmo-nos às reivindicações de ordem geral? Como e em função de que objetivos é preciso canalizar a energia e a atividade das massas sem trabalho? Que atitude tomar relativamente aos projetos burgueses e reformistas da solução do problema? Finalmente, como combinar a luta contra o desemprego com a luta da classe operária pela sua emancipação social?

Em primeiro lugar, é indispensável responder à questão seguinte: podemos de maneira geral lançar a palavra de ordem: "Luta contra o desemprego"? É evidente que este mal, engendrado pelo capitalismo, não pode desaparecer senão com a supressão do sistema capitalista. Isto é um lugar comum para todo proletário revolucionário. Esta luta está ligada organicamente à luta contra o capitalismo. Quem separar um do outro, quem imaginar que o pro-

blema da falta de trabalho pode ser resolvido no quadro do capitalismo, é um reformista e não um revolucionário. Tudo isso constitui uma verdade elementar. A palavra-de-ordem de luta contra o desemprego lançada pela Internacional Comunista e pela Internacional Sindical Vermelha, implica igualmente a palavra-de-ordem de luta contra o sistema que o provoca.

Com algumas exceções de pouca monta a falta de emprego alastra-se agora no mundo inteiro, e é por isso que a questão do movimento dos desempregados, as possibilidades objetivas desse movimento e os seus métodos de organização assumem primordial importância.

O desemprego de massas é um dos elementos de desagregação das relações capitalistas. Cada desempregado é um fermento, as centenas de milhares, os milhões de sem-trabalho constituem uma ameaça para o sistema capitalista reinante. Daí, precisamente, a atenção cuidadosa que os partidos burgueses e sociais-fascistas dedicam a esse problema. Por vezes, o desempregado esfomeado, exausto, pode cair na armadilha da demagogia fascista, desviar-se do caminho da sua classe; mas a situação objetiva, a situação do operário eliminado da produção, leva-o a protestar contra todo o sistema estabelecido. Entre as massas que sofrem da falta de ocupação acumula-se um descontentamento considerável. O desemprego de massas é um reservatório de energias revolucionárias. É necessário, porém, saber pôr em movimento esta

energia, saber organizar esta força, formular as reivindicações dos demitidos com palavras-de-ordem de conteúdo econômico e político claro e justo, é preciso encontrar as formas e os métodos adequados de organização para poder dirigir todo o vigor dessas pessoas numa mesma direção.

Como organizar melhor os sem-trabalho? Em função das profissões, na base das empresas, nos locais onde estão inscritos como desempregados, criando comitês ou conselhos de desempregados, estimulando a iniciativa das massas sem trabalho. Esta é uma força revolucionária formidável que é necessário saber utilizar. Mas nós só o conseguiremos se criarmos uma organização adequada, se eles estiverem solidamente agrupados, se soubermos mostrar às enormes massas de desempregados e aos operários ocupados a união de seus interesses com os interesses do conjunto da classe operária. O mais perigoso seria isolá-los, criar um movimento especial de desempregados. Isto poderia levar a resultados desfavoráveis e tornar a nossa luta muito difícil.

### ***“O isolamento do movimento dos desempregados pode levar à divisão da classe operária...”***

A tarefa fundamental consiste em ligar o movimento dos sem-trabalho ao movimento geral de classe do proletariado. Nenhuma organização deste tipo deve compor-se exclusivamente de desempregados. Todos os comitês e conselhos devem ter obrigatoriamente representantes dos operários ocupados. Não se deve considerar a luta dos sem-trabalho como uma forma especial do movimento operário, porque a desocupação não é uma profissão: aqueles que estão desempregados agora, podem amanhã encontrar trabalho e, por outro lado, o operário ainda hoje trabalhando na empresa, pode ser posto no olho da rua. O desemprego constitui, antes de mais nada, uma causa que pertence ao conjunto da classe operária, é assunto que interessa a cada proletário individualmente e independentemente do fato de que tenha ou não trabalho no momento. Por isso, a questão do contato orgânico entre desempregados e operários ocupados é problema central de toda a

nossa tática na atual etapa da luta. O isolamento do movimento dos desempregados pode levar à divisão da classe operária em dois grupos diferentes: o dos operários ocupados e o dos sem-trabalho. Ora, uma tal divisão só poderá conduzir a consequências catastróficas tanto para uns como para outros. É por isso que a tarefa de criar um contato orgânico entre os desempregados e os operários ocupados, de levar uns e outros à luta, de estabelecer reivindicações comuns a serem defendidas não somente pelos desempregados, mas igualmente por todas as organizações, pelo conjunto do operariado, deve estar no centro das atenções dos sindicatos revolucionários. A causa dos desempregados é a causa de toda a classe operária.

Mas, se sabemos de antemão que não podemos fazer desaparecer este mal sem suprimir o sistema capitalista, por que reclamar um seguro-desemprego organizado pelo Estado, por que exigir das Prefeituras e do Parlamento a concessão de uma moratória dos aluguéis dos desempregados? Ao fazê-lo não estaremos abusando das reivindicações parciais? Esta questão conduz-nos a colocar o problema das reivindicações parciais e gerais.

Não há nenhuma dúvida de que, na etapa atual, a burguesia não satisfaz as exigências dos trabalhadores e, aliás, é incapaz de fazer concessões sérias no campo das reformas sociais. Mas isto não significa que não possamos arrancar dela alguma coisa. Se dissermos a um desempregado: “De nada adiantam as tuas reivindicações; passa fome até que o capitalismo seja suprimido”, isto seria uma inépcia política. Ao contrário. É preciso dizer-lhe “Organiza-te, arranca dos bolsos do burguês tudo o que pudes através das manifestações comuns com os operários ocupados e com os outros desempregados, na luta das barricadas, na ação de massas e inclusive na insurreição; pugna pelas tuas reivindicações, das parciais às gerais, não te detenhas, combina estas reivindicações com as exigências gerais da classe operária, lembra-te de que não se pode conquistar seja o que fôr senão pela luta e que somente com a liquidação do sistema capitalista se conseguirá acabar com o desemprego”.

É desse modo que a massa dos sem-trabalho e dos operários ocupados pode ser mobilizada e agrupada, que será possível concentrar toda a energia da classe operária, por assim dizer, num punho único, que se ligará as reivindicações



K. KOLLWITZ. "Solidariedade"

atuais do estômago vazio com o problema da derrubada do capitalismo e da instauração da ditadura do proletariado. Todo aquele que se limita ao programa máximo, que pensa que o tempo das reivindicações parciais já passou, paralisa a energia das massas em vez de a libertar, condena as massas à passividade em vez de as ativar, adia as lutas para amanhã em vez de as travar hoje. É por isso que se deve rejeitar categoricamente a fórmula: "ou as reivindicações parciais, ou as reivindicações gerais". Nós colocamos as reivindicações parciais (seguro-desemprego organizado pelo Estado, jornada de 7 horas etc.) e ligamos estas reivindicações ao combate contra todo o sistema capitalista. A luta contra o desemprego é parte integrante da luta contra o sistema que o provoca. É necessário não cair num ou noutro extremo. Nem a palavra-de-ordem "somente as reivindicações gerais", nem a palavra-de-ordem "somente as reivindicações parciais", mas a combinação das reivindicações parciais e gerais. Este é o signifi-

cado da luta contra o desemprego, o significado e a importância da jornada internacional contra a falta de trabalho. Pela sua natureza, esta jornada é um movimento contra todo o sistema capitalista.

Paralelamente ao crescimento do desemprego, ressuscita a mania de fazer projetos social-reformadores. Atualmente não há homem de Estado, desde o reacionário mais enraivecido até o social-fascista, que não recomende o seu próprio método para resolver o problema dos sem-trabalho. A Inglaterra é um país particularmente rico em projetos, e o sr. Thomas inventa todos os dias novos paliativos. Mas até então nunca o palavreado dos social-fascistas se tinha revelado tão charlatão como na atualidade. Que propõe o Sr. Thomas aos desempregados? Renunciar à redução da jornada de trabalho é partir para as colônias a fim de lá encontrar a felicidade. Que recomendam os sociais-fascistas alemães e polacos? Choram lágrimas de crocodilo sobre a situação dos sem-emprego, mas

acham impossível colocar seriamente a questão da ajuda a eles. Antes de mais nada, esses senhores preocupam-se em persuadi-los a não escutarem os “maus” conselhos dos comunistas.

Contra a demagogia dos sociais-fascistas, devemos apresentar reivindicações claras, concretas; às suas tentativas de enganar os sem-trabalho, de os desarmar ideológica e politicamente no interesse do capital nacional, precisamos opor a nossa linha com firmeza, não cedendo a qualquer compromisso e visando à organização dos desempregados contra o capitalismo e o social-fascismo. A repressão sangrenta das manifestações de desempregados pelos governos sociais-democratas põe a nu o seu verdadeiro caráter. É precisamente aqui que aparece claramente a maneira como os partidos sociais-democratas foram longe na via da fascistização: eles mandam atirar nos desempregados!

Desse fato resulta a nossa posição relativamente a toda espécie de proposições emanadas dos governos sociais-democratas. Quando a burguesia e os seus servidores sociais-fascistas fazem qualquer coisa no interesse dos desempregados — o que se torna uma exceção cada vez mais rara — eles não o fazem de boa vontade, mas porque temem o crescimento do movimento dos sem-trabalho e dos operários ocupados. Não deixemos escapar nenhuma ocasião, arranquemos tudo o que pudermos arrancar. Mas precisamos não esquecer nunca que toda a energia, todo o espírito fértil em invenções da burguesia e dos partidos sociais-fascistas são empregados atualmente no sentido de desorganizar o movimento, de separar os desempregados dos operários ocupados, de empurrá-los em direção a uma colônia qualquer longínqua. Por todos os modos possíveis querem dividir as fileiras dos desempregados pela argúcia e pelo engano, recorrendo também à violência aberta. A acentuação da luta contra o social-fascismo, contra os sindicatos reformistas é a nossa tarefa mais urgente no combate à falta de emprego.

O desemprego de massas coloca perante nós a seguinte questão: nas condições atuais, não será melhor adiar as reivindicações dos operários, as suas ações coletivas, por exemplo as greves, até o momento em que não haja mais demissões?

Qual é a atitude dos reformistas relativamente a esta questão? Eles dizem: “Dado que atualmente a conjuntura é má, não se deve criar dificuldades aos nossos patrões”. Nós, por nosso lado, dizemos: “As dificuldades dos patrões não dizem respeito à classe operária que deve pen-

sar nos seus próprios interesses, e não nos interesses da classe que lhe é inimiga”.

---

***“A luta econômica não é suprimida pelo desemprego”.***

---

E isto, tanto mais que as greves podem nascer precisamente em correlação com o desemprego, por exemplo, quando surgem as **demissões massivas nas empresas**. O proletariado tem que ser tolerante, submeter-se, não reagir quando um terço ou um quarto dos operários e operárias são despedidos? Não deverá exigir que nenhum operário seja demitido? Não poderá admitir uma redução da jornada de trabalho mantendo a empresa todos os operários ocupados, em vez de aceitar a demissão pura e simples de uma parte considerável dos operários e operárias? Uma conjuntura má torna naturalmente mais difícil a luta econômica; não, porém, impossível. Em relação com o crescimento do desemprego de massas, as ações políticas dos operários (manifestações, choques com a polícia etc.) reben-tarão mais frequentemente que os conflitos econômicos. A luta econômica não é suprimida pelo desemprego. As greves podem e devem ser organizadas. A mínima tentativa de renunciar a elas sob pretexto de má conjuntura deve ser rejeitada categoricamente.

O desemprego de massas constitui um golpe extremamente violento para a lenda da prosperidade capitalista e da boa saúde do capitalismo. É aí que reside a importância política do desemprego de massas atual.

Não é verdade que o país mais poderoso do capitalismo contemporâneo (os Estados Unidos) entra num período de crise extremamente aguda? A mesma coisa acontece com outros países. O atual desemprego de massas é uma brecha séria no edifício capitalista, provoca um crescimento formidável do descontentamento das massas. O que se passa presentemente em todos os países (Alemanha, França, Polônia, nos Bálcãs, na América Latina) demonstra como o desemprego contribui rapidamente para a radicalização e o levantamento da luta de massas.

# Divergências no Movimento Operário Europeu\*

V.I. Lênin

*Nos momentos de aguçamento da luta de classes, a questão da tática passa a ocupar um lugar de destaque para o proletariado. As críticas de Lênin aos reformistas e aos anarquistas, formuladas nas condições da Europa em 1910, encerram lições que podem ajudar a entender as divergências que ainda hoje se manifestam no movimento operário e popular no Brasil.*

As divergências táticas fundamentais no movimento operário contemporâneo da Europa e da América estão resumidas na luta contra duas importantes correntes divergentes do marxismo, que se tornou, este sim, a teoria predominante no movimento. Estas duas correntes são o revisionismo (o reformismo, o oportunismo) e o anarquismo (o anarco-sindicalismo, o anarco-socialismo). Estes dois desvios da teoria e da tática marxistas, que são as predominantes no movimento operário, podem ser identificados, sob diversas formas e diferentes matizes, em todos os países civilizados por um período de meio século da história do movimento operário de massas.

Só este fato bastaria para mostrar que tais desvios não podem ser atribuídos a mera casualidade e nem a equívocos de tais ou quais indivíduos ou grupos, nem também à influência das características ou tradições nacionais etc. Tem de haver causas profundamente arraigadas no sistema econômico e no caráter do desenvolvimento de todos os países capitalistas que engendrem constantemente estes desvios. Um pequeno livro, *As Divergências Táticas no Movimento Operário (Die Taktischen Differenzen in der Arbeiterbewegung, Hamburg, Erdmann Dubber, 1909)*, publicado no ano passado pelo



V.I. Lênin

marxista holandês Anton Pannekoek, constitui uma interessante tentativa de investigar, cientificamente, tais causas. Exporemos a seguir, ao leitor, as conclusões a que chegou Pannekoek e que devem se consideradas inteiramente corretas.

Uma das causas mais profundas que engendram, periodicamente, divergências em relação à tática, é o próprio crescimento do movimento operário. Se não medirmos este movimento com o critério de algum ideal fantástico e o considerarmos como um movimento prático de gente comum, concluiremos que a adesão de

\* Publicado em 16/12/1910 no jornal *Zvezdá*.

novos e novos “recrutas” e a incorporação de novos setores das massas trabalhadoras devem ser acompanhadas, inevitavelmente, de vacilações no terreno da teoria e da tática, da repetição de velhos erros, de uma volta transitória a concepções e métodos antiquados etc. O movimento operário de cada país investe, periodicamente, maior ou menor reserva de energia, atenção e tempo no “adestramento” dos recrutas.

---

***“A classe operária e seus ideólogos assimilam o marxismo do modo mais fácil, mais rápido, mais completo e mais firme onde há um maior desenvolvimento da grande indústria”.***

---

Além disso, o ritmo de desenvolvimento do capitalismo varia nos diferentes países e nos diversos setores da economia nacional. A classe operária e seus ideólogos assimilam o marxismo do modo mais fácil, mais rápido, mais completo e mais firme onde há um maior desenvolvimento da grande indústria. As relações econômicas atrasadas ou as que se vão atrasando em seu desenvolvimento, conduzem sempre ao aparecimento de partidários do movimento operário que assimilam apenas alguns aspectos do marxismo, apenas algumas partes isoladas da nova concepção do mundo ou algumas palavras-de-ordem e reivindicações isoladas, sem serem capazes de romper decididamente com todas as tradições da concepção burguesa em geral e da concepção democrático-burguesa em particular.

Além disso, o caráter dialético do desenvolvimento social, que se produz em meio a contradições e através delas, constitui uma fonte permanente de divergências. O capitalismo é um fenômeno progressista porque destrói os velhos modos de produção e desenvolve as forças produtivas; mas, ao mesmo tempo, ao atingir certo grau de desenvolvimento, começa a frear o crescimento das forças produtivas. O capitalismo desenvolve, organiza, disciplina os operários, mas também esmaga, oprime, conduz à degeneração, à miséria etc. O capitalismo cria seu

próprio coveiro, gera, ele próprio, os elementos de um novo sistema; mas, ao mesmo tempo, sem um “salto”, esses elementos isolados em nada modificam o estado geral das coisas, em nada afetam a dominação do capital. É o marxismo, a teoria do materialismo dialético, que pode explicar estas contradições da vida real, da história viva do capitalismo e do movimento operário. Pois bem, é evidente que as massas aprendem com a vida e não com os livros, motivo pelo qual algumas pessoas ou grupos costumam exagerar e erigir em doutrina unilateral, em sistema tático unilateral este ou aquele traço do desenvolvimento capitalista, este ou aquele “ensinamento” extraído desse desenvolvimento.

Os ideólogos burgueses, os liberais e os democratas, que não compreendem o marxismo nem o movimento operário moderno, saltam, constantemente, de um extremismo impotente a outro. Ora pretendem explicar tudo dizendo que pessoas malignas “atiçam” uma classe contra outra, ora se consolam com a idéia de que o partido operário é um “partido pacífico de reformas”. Produto direto desta concepção burguesa e de sua influência são tanto o anarco-sindicalismo como o reformismo, que se aferram a um dos aspectos do movimento operário, que elevam esse procedimento unilateral ao nível de doutrina, declarando incompatíveis entre si as tendências ou traços deste movimento, que constituem uma peculiaridade específica de tal ou qual período ou de umas ou outras condições de atividade da classe operária. Porém, a vida real, a história real, **abarca** estas diferentes tendências do mesmo modo como a vida e o desenvolvimento da natureza compreendem tanto a evolução lenta como os saltos bruscos, as soluções de continuidade.

---

***“O anarco-sindicalista despreza o ‘trabalho miúdo’, sobretudo a utilização da tribuna parlamentar”.***

---

Os revisionistas consideram fraseologia todos os argumentos sobre os “saltos” e sobre o antagonismo de princípios que existe entre o movimento operário e toda a velha sociedade. Eles consideram as reformas como sendo uma realização parcial do socialismo. O anarco-sindicalista despreza o “trabalho miúdo”, sobretudo a utilização da tribuna parlamentar. De fato,

esta última tática se reduz à espera dos “grandes dias”, sem capacidade para concentrar as forças que forjam os grandes acontecimentos. Uns e outros freiam o que é mais importante e mais urgente: a união dos operários em organizações grandes, poderosas, que funcionem adequadamente e sejam capazes de funcionar bem em **todas** as circunstâncias, impregnadas do espírito da luta de classes, que compreendam claramente seus objetivos e estejam educadas numa verdadeira concepção marxista do mundo.

Aqui nos permitiremos uma pequena digressão e diremos, entre parênteses, a fim de evitar qualquer equívoco possível, que Pannekoek ilustra sua análise com exemplos tirados **exclusivamente** da história da Europa Ocidental, sobretudo da Alemanha e da França, **sem** levar em conta, **para nada**, a Rússia. Se alguma vez pareceu que ele se referia à Rússia, isto só aconteceu porque as tendências principais que geram determinados desvios da tática marxista se manifestam também em nosso país, apesar das enormes diferenças entre a Rússia e o Ocidente no que diz respeito à cultura, modo de vida e desenvolvimento histórico e econômico.

***“A burguesia (...) usa em primeiro lugar, o método da violência, o método que não admite concessão alguma ao movimento operário...”***

Finalmente, uma causa muito importante de divergências entre os militantes do movimento operário reside nas mudanças de tática das classes dominantes em geral e da burguesia em particular. Se a tática da burguesia fosse sempre uniforme ou, pelo menos, do mesmo tipo, a classe operária aprenderia rapidamente a responder a ela com uma tática também uniforme ou do mesmo tipo. Mas, é sabido que a burguesia em todos os países estabelece, inevitavelmente, dois sistemas de governo, dois métodos de luta por seus interesses e para manter sua dominação e estes métodos se alternam ou se entrelaçam em diversas combinações. Usa, em primeiro lugar, o método da violência, o método que não admite concessão alguma ao movimento operário, o método de apoiar todas as instituições velhas e já caducas, o método da negação intransigente das reformas. Esta é a

essência da política conservadora que, na Europa Ocidental é, cada vez menos, a política das classes latifundiárias, para se converter em uma das variantes da política burguesa em geral. O segundo método é o do “liberalismo”, o de dar passos no sentido do desenvolvimento dos direitos políticos, no sentido das reformas, das concessões etc.

***“... as oscilações na tática da burguesia, a passagem do sistema da violência ao das aparentes concessões, são características próprias, em si mesmas, da história de todos os países europeus...”***

Quando a burguesia passa da utilização de um método para o outro, não o faz obedecendo ao cálculo perverso de alguém, tampouco o faz por acaso, mas em virtude do caráter profundamente contraditório de sua própria situação. Uma sociedade capitalista normal não se pode desenvolver com êxito sem um sistema representativo consolidado, sem conceder certos direitos políticos à população, que não pode deixar de se distinguir por um grau relativamente elevado de exigências no plano “cultural”. Estas exigências de um nível cultural mínimo são criadas pelas condições do próprio modo de produção capitalista, com sua elevada técnica, sua complexidade, flexibilidade, mobilidade, rapidez de desenvolvimento da concorrência mundial etc. Em consequência, as oscilações na tática da burguesia, a passagem do sistema da violência ao das aparentes concessões, são características próprias, em si mesmas, da história de todos os países europeus durante o último meio século, com a particularidade de que, em determinados períodos, os diferentes países desenvolvem, preferencialmente, a aplicação de um ou do outro método. Por exemplo, nas décadas de 60 e 70 do século XIX, a Inglaterra era o país clássico da política “liberal” burguesa; a Alemanha, nas décadas de 70 e 80, aplicava o método da violência etc.



Quando na Alemanha imperava este método, o eco unilateral deste sistema de governo burguês se manifestou no crescimento do anarco-sindicalismo, ou, como era chamado naquela época, do anarquismo no movimento operário (os "jovens" (1) no começo da década de 90, Johan Most no início da década de 80). Quando em 1890 se produziu a reviravolta para as "concessões", isto se tornou, como sempre, ainda mais perigoso para o movimento operário e gerou um eco igualmente unilateral do "reformismo" burguês: o oportunismo no movimento operário. "A finalidade positiva, real, da política liberal da burguesia — diz Pannekoek — é desorientar os operários, provocar a divisão em suas fileiras, transformar sua política em um apêndice impotente da sempre impotente e efêmera política das supostas reformas".

Não poucas vezes, a burguesia alcança seus objetivos, durante certo tempo, através da política "liberal" que é como observa com razão

(1) "Os jovens": oposição pequeno-burguesa semi-anarquista surgida na social-democracia alemã em 1890. Seu núcleo central era formado por jovens literatos e estudantes (daí sua denominação), que aspiravam a desempenhar o papel de teóricos e dirigentes do Partido. Esta oposição, que não compreendia as novas condições criadas para a atividade do Partido depois de ser abolida a lei de exceção contra os socialistas (1878-1890) negava a necessidade de aproveitar as formas legais de luta, pronunciava-se contra a participação da social-democracia no Parlamento e acusava o Partido de oportunista. Engels lutou contra a oposição dos "jovens". (N. do T.)

Pannekoek, uma política "mais astuta". Uma parte dos operários e uma parte de seus representantes deixa-se enganar, às vezes, por aparentes concessões. Os revisionistas declaram que a doutrina da luta de classes é "antiquada", ou começam a aplicar uma política que significa, de fato, uma renúncia à luta de classes. Os zigue-zagues da tática burguesa intensificam o revisionismo no movimento operário e, muitas vezes, provocam em seu seio discrepâncias que chegam até mesmo à franca divisão.

Todas as causas deste tipo dão lugar a divergências no que concerne à tática dentro do movimento operário e dentro do meio proletário. Mas, entre o proletariado e as camadas da pequena burguesia em contato com ele — incluindo também o campesinato — não há, nem pode haver, uma muralha da China. Entende-se que a passagem de certos indivíduos, grupos e camadas da pequena burguesia para as fileiras do proletariado não pode deixar de engendrar, por seu lado, vacilações na tática deste.

A experiência do movimento operário dos diversos países nos ajuda a compreender, com exemplos concretos da atividade prática, a essência da tática marxista, contribuindo para que os países mais jovens distingam mais claramente o verdadeiro significado de classe dos desvios do marxismo e possam combatê-lo com maior êxito. ●

# Que Procuram as Frotas Militares das Superpotências nos Portos da Iugoslávia?

*Zëri i Popullit*

*Enquanto recebem em seus portos, com toda a hospitalidade, os navios de guerra da URSS, os dirigentes iugoslavos protestam furiosos contra a publicação de alguns artigos na imprensa albanesa sobre os sangrentos episódios do início do ano em Kosova. Dizem, ao mesmo tempo, que seguem uma política de "não-alinhamento", acima dos blocos. Que interesses estão por trás desta forma de agir? Qual o papel da Iugoslávia dentro da política belicista traçada pela URSS?*

Nos últimos dias do mês de maio um grupo de navios da marinha de guerra soviética, que cruzam o Mediterrâneo, foi recebido com todas as honras no porto iugoslavo de Dubrovnik. Era a terceira visita, no ano em curso, de barcos de guerra soviéticos. No ano passado efetuaram cinco visitas em quatro portos desse país. Também a frota norte-americana do Mediterrâneo fez o mesmo número de visitas à Iugoslávia.

Tentando diminuir o efeito negativo dessa presença militar, a agência **Taniug** anunciou, a 26 de maio, que as equipagens dos navios soviéticos teriam ido a Dubrovnik "visitar os monumentos culturais e históricos da cidade".

Contudo, as pessoas não são assim tão ingênuas. Todos sabem que os navios soviéticos não vieram ao Mediterrâneo e ao Adriático com o objetivo de contemplar monumentos culturais nem para distribuir confeitos.

As frotas militares são *bases* móveis, tanto quanto as outras *bases* militares fixas das superpotências. Elas deslocam-se nos mares visando a terra. O mar serve apenas de acesso aos lugares escolhidos por seus fuzileiros navais.

Os iugoslavos costumam apresentar seu país como "à margem dos blocos". É fato, porém, que aceitam em suas águas territoriais e acolhem nos seus portos as bases flutuantes desses

blocos. A Iugoslávia exprimiu suas preocupações a propósito da intervenção soviética na Checoslováquia e no Afeganistão. Ainda há pouco manifestou igualmente inquietude face a uma eventual interferência da União Soviética na Polônia. De tais fatos surge a questão: essas preocupações são simples manobras ou correspondem à realidade? Como inquietar-se com quem entra pela janela enquanto deixa a porta aberta? De uma parte, denota preocupação pelas intervenções e ocupações soviéticas em diferentes países, de outra parte, convida a entrar em seus portos as frotas militares do Mediterrâneo que perseguem os mesmos fins! Não é verdade que os barcos militares da União Soviética nesse mar são parte integrante do mesmo exército que ocupa outros países?

Os dirigentes da Iugoslávia demonstram grande vigilância e protestam com toda a seriedade oficial contra um balão das crianças de Tirana que o vento conduziu além das fronteiras, mas ao mesmo tempo, em suas cidades costeiras, flertam e são gentis com os invasores da Checoslováquia e do Afeganistão. Acusam a Albânia de ameaçar a paz nos Bálcãs e na Europa por ter publicado em *Zëri i Popullit* certo número de artigos de apoio às reivindicações inteiramente legítimas dos albaneses de Kossova. Porém, as pessoas munidas de uma lógica sã se perguntam: por que eles se mostram tão hospitaleiros com os porta-aviões do social-imperialismo soviético que percorreram milhares de milhas para aproximar-se da costa da Albânia? Ou isto será uma expressão da política do "não-alinhamento"?

As visitas e a permanência de esquadras soviéticas nos portos iugoslavos tornaram-se um fato militar que ameaça diretamente a segurança dos povos que habitam a costa do Adriático, assim como os Bálcãs e, em certa medida, a Europa central. Na prática, os soviéticos criaram uma base militar de grande potência no plano estratégico e tático. Mesmo sem maiores conhecimentos militares, é fácil compreender o papel dessa frota no Adriático, seja em tempo de paz, seja no caso de um conflito localizado ou de grandes dimensões. Não é necessário possuir muitos conhecimentos políticos para se dar conta de que a presença da esquadra soviética nos portos iugoslavos e os serviços que ali recebe efetuam-se nos termos de um acordo concluído entre Moscou e Belgrado.

Ao longo da história, o Adriático tem sido a via natural das caravanas marítimas ligando a Europa Central com o Oriente. É isto que explica porque durante a primeira guerra mundial, assim como no curso da segunda, o bloqueio e o desbloqueio do canal de Otrante foi uma das maiores preocupações das partes beligerantes. Mas a importância do Adriático, enquanto via marítima das mais valiosas da Europa, aumentou ainda mais na época atual uma vez que os portos da costa italiana descarregam a maior parte do petróleo transportado pelos oleodutos para os mercados austríacos, alemães etc. O ataque a esses centros de ligações vitais é uma das tarefas primordiais do Almirantado soviético que as atribui à sua frota do Mediterrâneo. Ela pode atacar também a rota do petróleo destinado ao Ocidente, em caso de conflito, à saída do canal de Suez ou em alto mar, mas para o Almirantado é mais fácil cortá-la próximo do litoral italiano, pois seus vasos de guerra podem abrigar-se nos fiordes da costa montenegrina.

***“.. a ocupação dos portos albaneses de Vlora e Durres, inscrevem-se no vasto plano de agressão da frota soviética...”***

O bloqueio do canal de Otrante, bem como o ataque e a destruição dos portos italianos e a ocupação dos portos albaneses, principalmente de Vlora e Durres, inscrevem-se no vasto plano de agressão da frota soviética no Adriático, objetivo para o qual os hegemônistas grão-sérvios contribuem generosamente.

Mas o que se precisa saber não são tanto as

vantagens, de todo evidentes, tiradas pelos soviéticos desse acordo, e sim as garantias e promessas que o Crêmlim forneceu aos seus parceiros sérvios neste complô, a entente secreta e os planos urdidos contra os povos da zona do Adriático e do Mediterrâneo.

O acesso ao Adriático tem sido o grande sonho estratégico dos czares russos e dos **krails** sérvios. Isto é também um dos elementos fundamentais que determinam seus laços e colaboração no passado. Com efeito, a expansão da Sérvia para o mar é parte constituinte do plano de expansão russa para os mares de água quente. A ajuda e o apoio que a Rússia concedeu à Sérvia em todas as épocas, a fim de que ampliasse o seu território, têm feito desse país um poderoso bastião russo nos Bálcãs e representa um perigo permanente para os seus vizinhos eslavos e não-eslavos em nossa península. Intentando sustentar os territórios por ela usurpados e impulsionar mais ainda sua expansão territorial, a Sérvia foi sempre compelida a pedir a proteção do czar de todas as Rússias e defensor de todos os eslavos.

Certamente os tempos são outros. Mas a mentalidade chauvinista, as concepções geopolíticas não mudaram nem em Moscou, nem em Belgrado entre os nacionalistas sérvios.

Os povos de todo o mundo que odeiam a guerra imperialista e lutam contra o desencadeamento de um novo conflito mundial não podem assistir sem inquietude o genocídio e as perseguições perpetradas pelos grão-sérvios contra os albaneses que vivem em Kossova e em outros lugares da Iugoslávia, bem como suas calúnias contra a República Popular Socialista da Albânia. Os povos vêem que esses atos dos grão-sérvios, cuja pressão, aparentemente, é hoje preponderante na política exterior da República Federativa Socialista da Iugoslávia não são devidos a atos de “irredentistas” e de “contra-irredentistas”, de “revolucionários” e de “contra-revolucionários”. Fazem parte do complô silencioso que visa a República Popular Socialista da Albânia, fortaleza invencível da luta contra o revisionismo imperialista soviético, e os albaneses que habitam a Iugoslávia. São não apenas fator importante de estabilidade da Federação iugoslava, como também sério obstáculo ao assalto soviético-búlgaro que ameaça os próprios povos da Iugoslávia, da República Popular Socialista da Albânia e de outros países. A polêmica iugoslavo-búlgara, a propósito da questão da Macedônia, que ora se eleva, ora se ameniza, é um subterfúgio que serve para manter aberto o corredor de Vardar e de Kossova, tendo em vista



um eventual ataque soviético nos Bálcãs. Se as pessoas se detêm por um momento que seja sobre esse ponto e procuram refletir no intuito de saber quem lucra na Iugoslávia com a presença da frota soviética nos portos de Split, Dubrovnik, Kotor e Tivar chegarão logicamente e sem qualquer dúvida à conclusão de que são os círculos chauvinistas sérvios, tanto os que se encontram no poder; como os que a ele aspiram chegar. Atualmente, só esses círculos têm necessidade de um apoio militar estrangeiro a fim de realizar seus objetivos no plano interno e no externo.

Ninguém põe em dúvida que com a morte de Tito se travou uma luta pelo poder entre a República da Sérvia e as da Croácia e Eslovênia. Esta luta era não somente previsível mas também considerada inevitável. Ainda quando vivia o marechal Tito, os presidentes daquelas Repúblicas tratavam de ocupar posições vantajosas para a batalha futura. Os croatas-eslovenos utilizavam como arma de defesa a autogestão, criaram economias distintas, relativamente independentes do centro, fusionaram seus capitais com os do Ocidente, lutaram no sentido de aprovar leis e inaugurar práticas suscetíveis de lhes assegurar certa independên-

cia econômica internamente e no exterior. De seu lado, a Sérvia manteve suas fortalezas tradicionais - o exército, a segurança pública, a diplomacia e o aparelho burocrático central.

Impotente para frear o desenvolvimento destas tendências, Tito não achou outro caminho para prolongar ao máximo a existência do que ele havia criado, senão exigindo pretensas presidências colegiadas da Federação Iugoslava e do Comitê Central da Liga dos Comunistas Iugoslavos, instâncias essas onde cada um dos representantes das diversas Repúblicas procurava tirar tudo que podia para os seus e nada deixar para os outros.

Nesta luta entre os dois clãs principais, quando o clã sérvio decidir tomar conta do poder em Belgrado e enviar o seu exército a Zagreb e a Liubliana (capitais das repúblicas croata e eslovena), pois já o fez em Prishtina (capital da região de Kossova), então a frota soviética constituirá fator fundamental; no dia D ela deverá encontrar-se "em visita" a Split, a Dubrovnik e Tivar, de onde seus fuzileiros navais em formação regular e disciplinados contemplarão plenos de admiração e de veneração as torres venezianas da Raguse antiga ou as fortalezas pitorescas dos príncipes montenegrinos.

Sem dúvida, os portos iugoslavos podem ser visitados também pelas naves de guerra norte-americanas, que poderiam ajudar o clã croata-esloveno a se opor àquela marcha dos sérvios. Em todo o caso, neste jogo há certas regras e determinados detalhes que é preciso ter em conta. Em princípio, as entradas dos portos iugoslavos e os portos mesmos são bastante estreitos para receber duas esquadras ao mesmo tempo, sem contar com o fato de que tais esquadras não aceitam ser simultaneamente hóspedes de seus amigos comuns. Além disso - e é o essencial - será o Estado-Maior do exército iugoslavo quem decidirá o momento de pôr em marcha suas tropas e quem fixará a época da visita de cada um dos seus "amigos" e quais os que devem chegar em primeiro lugar.

***"Na atualidade, apesar das múltiplas pressões de parte das outras repúblicas, cerca de 70% dos quadros do exército iugoslavo são de nacionalidade sérvia."***

A composição do exército iugoslavo e sobretudo os quadros dirigentes são motivo de disputas há longo tempo entre sérvios e croatas-eslovenos. Desde a sua criação, ele tem sido praticamente dirigido pelos sérvios, sejam os que vivem na Croácia, na Bósnia e na Herzegovina, Vaivodina ou no Montenegro. A fim de preservar o seu caráter, os alunos das escolas militares são escolhidos em grande parte nas regiões da Sérvia. Na atualidade, apesar das múltiplas pressões de parte das outras repúblicas, cerca de 70% dos quadros do exército iugoslavo são de nacionalidade sérvia.

Quando se fala de forças filo-soviéticas na Iugoslávia entende-se, em primeiro lugar, os altos escalões do exército e depois os diversos quadros da República da Sérvia. Desde a época da ascensão de Kruschov ao poder, mesmo nos períodos mais difíceis das relações soviético-iugoslavas, como no caso da agressão russa à Checoslováquia, em 1968, os generais sérvios e montenegrinos jamais cessaram de intensificar os contatos com o exército soviético. Esses contatos foram reforçados antes de mais nada através da compra de armamentos de origem russa, armamento que ocupa lugar proeminente nos equipamentos do exército iugoslavo. Atualmente, metade da aviação militar da Iugoslávia, sua força principal, é de proce-

dência soviética, pois os aviões importados dos Estados Unidos e do Ocidente, tornaram-se obsoletos. A imensa maioria dos carros de combate provém daquela origem, sem citar os mísseis e outras armas modernas de defesa antiaérea que chegam das usinas do Ural. A artilharia terrestre e marítima é, em grau considerável, de produção soviética. A Iugoslávia obteve igualmente da URSS numerosas licenças para a fabricação de diversas armas.

Além da troca de pontos de vista e de experiências com seus homólogos soviéticos, os generais iugoslavos não deixam de passar suas férias nos sanatórios do Exército Soviético na Criméia e noutras estações climáticas. Os croatas e eslovenos esforçaram-se de todas as formas por frear e paralisar esta orientação pró-soviética do clã dominante sérvio no exército iugoslavo, mas nada conseguiram.

Todos estes fatos evidentes indicam dois fatores determinantes na evolução dos futuros acontecimentos políticos na Iugoslávia. Primeiro: existe um acordo de cooperação e de ajuda recíproca entre o clã sérvio e a União Soviética no domínio militar, que se concretiza na presença quase permanente da frota soviética nos portos iugoslavos, no fornecimento de armamento moderno soviético ao exército iugoslavo, na colaboração entre os Estados-Maiores dos dois exércitos; segundo: o exército iugoslavo é iugoslavo apenas no nome, pois de fato é um exército sérvio como demonstra sua atuação em Kossova. Presentemente, ele representa a única força política organizada. A Liga Comunista, a Liga Socialista, a Skupstina, a Presidência e outros organismos sociais e estatais jogam um papel de segunda ou terceira ordem.

As presidências colegiadas, da cúpula aos níveis inferiores da hierarquia do Estado e do Partido mudam sem cessar, o que as impede de fixar-se e de exercer seu poder. Enquanto isso, os Estados-Maiores militares e políticos sérvios são os únicos não atingidos por essa incessante rotação. Se eles ainda não ditam inteiramente a lei na Iugoslávia de hoje, ditá-la-ão amanhã com a ajuda dos soviéticos.

A comédia tão bombasticamente apregoada por Belgrado a propósito da sua pretensa política de não-alinhamento e suas críticas tímidas e cheias de delicadeza, com respeito ao perigo soviético não passam de um blefe total. Sua finalidade é esconder o complô tramado e cada vez mais aperfeiçoado entre o clã grão-sérvio e os social-imperialistas soviéticos, complô que visa os povos da Iugoslávia, da Albânia, dos Bálcãs e de toda a Europa. ●

# No Continente Africano: O Grave Problema de Habitação Para o Povo do Alto-Volta

BUG-PÁRGA TAKISE JEWOL-JEMA\*

*A situação habitacional do Alto-Volta é em muito semelhante à nossa. Grande déficit habitacional para os trabalhadores; suntuosas residências para a burguesia e outros potentados; aluguéis extorsivos. Este artigo trará ao leitor brasileiro uma análise dessa situação e nos remeterá à constatação de como, sob a dominação do imperialismo, são semelhantes as políticas dos governos dependentes.*

“Por que o governo não faz nada contra a carestia dos aluguéis? Nem mesmo se encontra uma casa para alugar!” São frases que se ouvem constantemente na boca dos operários e dos trabalhadores em geral nas cidades do nosso país, principalmente em Uagadugu e BobôDiu-lasse.

Com efeito, sobretudo nessas duas cidades, as maiores do Alto-Volta, encontrar uma habitação tornou-se um pesadelo para o trabalhador. Quando ele a encontra, por um aluguel exorbitante que corrói seu magro salário, é diariamente torturado pela inquietação das mudanças frequentes devido à arrogância do proprietário que notifica o inquilino a pagar em dobro os aluguéis ou reclama a desocupação da casa.

As inúmeras mudanças jogam a maior parte dos operários e de outros trabalhadores para a periferia das cidades em “zonas não loteadas”. E mesmo aí não têm tranquilidade: muitos trabalhadores que habitam as “zonas não loteadas” fazem, pelo menos, 30 quilômetros por dia para ir ao trabalho e retornar à sua casa. Mas isso não é tudo. De um dia para o outro podem ser expulsos da zona não loteada, sob a alegação de que o quarteirão vai ser loteado. Na realidade, trata-se de distribuir os terrenos a compradores

do tipo Kanazoé, para edificar hotéis, ou a burocratas a fim de construírem suas moradas.

É tal a crise de habitação, que os chamados quadros, à parte os reacionários e os vendidos ao imperialismo e à burguesia, também não encontram habitação decente, tendo de pagar de aluguel mais da metade de seus salários.

Enquanto isso, uma minoria de parasitas alto-voltenses vive em vilas luxuosas, construídas com o dinheiro e os bens do povo, muitas vezes alugadas ao Estado que, em seguida, as entrega aos proprietários para residirem nelas gratuitamente.

Mas, por que essa insuficiência de alojamentos para as massas populares? Por que são tão caros os aluguéis e o governo antipopular e anti-social permanece indiferente a semelhante situação?

O marxismo-leninismo ensina, e a realidade confirma, que o crescimento das cidades, provocado pela expansão do capitalismo, encerra um aumento artificial do valor dos terrenos de construção, sobretudo os do centro, e que a construção de casas para operários rabaixa esse valor, pois os aluguéis não podem elevar-se acima de um certo mínimo (devido à miséria da classe operária na sociedade capitalista).

Ora, é precisamente o lucro elevado o que procuram os proprietários especuladores, aqui

\* Revista do Alto-Volta.

constituídos pelos elementos da burguesia político-burocrática, da burguesia compradora e dos remanescentes das forças feudais. Nas mãos desses especuladores encontra-se concentrada a maior parte dos terrenos: são eles que fazem os loteamentos, que constroem para si as vilas, depois alugadas ao Estado neocolonial ou aos organismos internacionais por preços altíssimos.

---

***“... para a burguesia são bons todos os meios que permitam acumular capital e proteger seus interesses de classe...”***

---

Compreende-se, assim, que a carestia dos aluguéis e a especulação imobiliária contem com o beneplácito do Estado e da burguesia reacionária em seu conjunto: servem aos interesses da classe, ao capital, diametralmente opostos às necessidades fundamentais das massas populares.

Por sua vez, a propaganda feita em torno dos loteamentos realizados pelo poder fantoche, supostamente para “reinstalar” as pessoas expropriadas ou “resolver” os problemas de alojamento, não passa de hipocrisia e de mentiras. Todos esses loteamentos propiciam ocasião para que os parasitas da sociedade de Alto Volta abocanhem novos terrenos. Eles chegam mesmo a vender certas parcelas a fim de investir em outras melhores. Não contentes com isso, fazem “loteamentos selvagens” com o intuito de vender mais caras as áreas das zonas “não loteadas”, desprezando suas próprias leis.

Segundo a lei de 12 de julho de 1960, nenhum cidadão deveria possuir mais de um terreno, tanto na faixa residencial (reservada à camada superior da pequena burguesia e da burguesia) como na “tradicional” de uma mesma cidade. Ora, é amplamente sabido que a maior parte dos elementos da burguesia, do aparelho do Estado e da camada superior da pequena burguesia burocrática possui numerosos terrenos em cada uma dessas faixas e ainda se preocupa em reservar lugares nas zonas não loteadas. A cupidez dos açambarcadores de terrenos é tal que eles registram parcelas de terra em nome dos filhos menores, acreditando assim camuflar as coisas.

Isso significa que, para a burguesia, são bons

todos os meios que permitam acumular capital e proteger seus interesses de classe, razão pela qual não hesita em pisar as suas próprias leis, leis que os revisionistas do PAI (Partido Africano da Independência) pedem às massas que as respeitem e apoiados nas quais elegem os reacionários à Assembléia Nacional fantoche.

Em tal contexto, os ministros do governo e seus agentes, mergulhados até o pescoço na especulação e envolvidos nos escândalos imobiliários, não tomarão nenhuma providência visando a regulamentar as leis, a menos que sejam forçados pela luta popular. Desde 1973, fala-se na regulamentação dos aluguéis. Inúmeras reuniões foram feitas e acumularam-se montanhas de projetos. Afinal, saiu um projeto inexpressivo que o fascista Leonard Kalmojo, ocupando uma pasta interina do ministério governamental, logo contestou afirmando que “querer limitar os aluguéis a determinado teto, arrisca a desencorajar a boa vontade existente no domínio dos investimentos imobiliários”. Fica claro, assim, que uma verdadeira regulamentação da lei dos aluguéis seria um golpe nos interesses de classe da burguesia. Por isso, o poder fantoche não dá nenhum passo nesse sentido.

A política habitacional do governo está orientada, aparentemente, para a divisão de zonas nas quais seriam erguidas construções de diferentes preços.

---

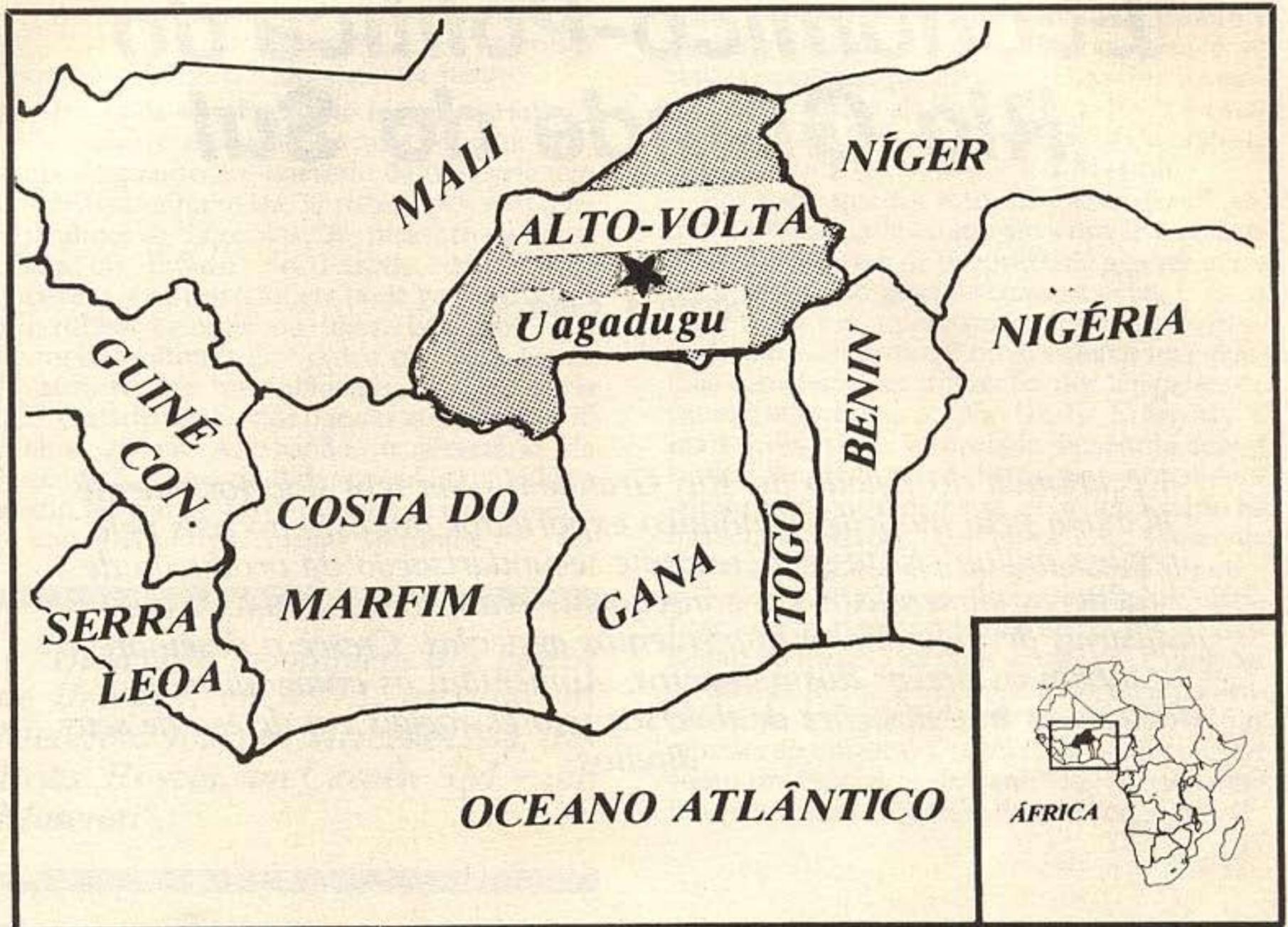
***“O governo, porém, desviou os fundos financeiros, seus ministros com eles encheram os bolsos”.***

---

**A zona do Bosque.** Uma parte desta zona destina-se aos “quadros superiores” estatais. Na realidade, foi entregue aos grandes comerciantes e aos altos dignitários do Estado que lá edificaram suas vilas super-luxuosas.

A outra parte, é destinada aos “quadros médios”. Mas somente o terreno de cada habitação vale mais de 3 milhões de francos voltenses. Em consequência, dela se apossaram a burguesia compradora e os burocratas.

**A zona piloto,** financiada pelo Banco Mundial, deveria ser constituída de casas de aluguel moderado para as pessoas de renda média. O governo, porém, desviou os fundos financeiros,



seus ministros com eles encheram o bolso. A zona foi açambarcada uma vez mais pela burguesia.

Há uma sociedade que se chama SOPROGIM (*Sociedade de Promoção e Gestão Imobiliária*) que, segundo expressão do chefe de Estado, iria resolver o problema da habitação. Ora, François Kabore, ministro da Função Pública e do Trabalho, disse que os aluguéis mensais das construções atuais da dita Sociedade vão de 39.000 a 80.000 francos voltenses.

É claro que os operários (e mesmo os “quadros” honestos) nada têm a esperar da SOPROGIM que é uma empresa capitalista para servir aos interesses da burguesia. Sabendo-se que o salário miserável dos trabalhadores alto-voltenses (um “quadro” ganha 70.000 Francos Voltenses, e bastante menos os operários e os pequenos e médios funcionários) não lhes permite alugar tais casas, compreende-se o caráter provocador e revoltante das declarações do chefe do Estado neocolonial. Com efeito, ele declarou, como que para escarnecer dos trabalhadores, que, “graças à ação vigorosa da SOPROGIM, o espinhoso problema da habitação vai

encontrar uma solução, sobretudo para os quadros”. Isso tudo demonstra que o governo pró-imperialista é incapaz de solucionar os problemas fundamentais das massas, entre os quais o da habitação.

É essa criminosa política governamental que empurra as massas pauperizadas para os pardeiros dos subúrbios onde as condições de higiene são lamentáveis, sem esgotos e mesmo sem água, fonte de epidemias.

Desse modo, porque uma minoria de parasitas da sociedade quer acumular milhões, alugando a peso de ouro suas vilas e especulando com os terrenos, os trabalhadores das cidades são submetidos a vexames e arbitrariedades de todo tipo. Tal é a lei da sociedade capitalista.

Assim, a única solução durável efetiva da questão habitacional passa pela derrocada da ordem neocolonial em nosso país, pela realização da revolução nacional, democrática e popular, rumo ao socialismo. Enquanto tal não ocorre, a reivindicação do melhoramento imediato das condições de alojamento é uma exigência premente dos trabalhadores alto-voltenses.

# A Situação Econômico-Política do Rio Grande do Sul

Roberto A. Chiarelli

*A economia do Estado do Rio Grande do Sul tem sido fortemente abalada pelo modelo econômico exportador imposto ao país pelo regime militar. Nota-se a crescente secundarização da produção de gêneros alimentícios e a conseqüente redução na atividade das indústrias de máquinas e implementos agrícolas. Cresce o desemprego e sobem os preços dos alimentos. Aumentam os antagonismos de classes e as mobilizações de diversos setores sociais em defesa de seus direitos.*

Embora recém-começada, a atual crise econômica, devido às suas proporções, é a mais grave da história do Brasil.

Seus reflexos no Rio Grande do Sul são sentidos praticamente em todos os setores da economia, com repercussão a nível nacional, pelo peso que o Estado tem no conjunto da economia brasileira.

O entendimento da real dimensão da crise, de sua extensão, de sua evolução e conseqüências econômico-sociais ficará por demais limitado se não for compreendido o que é a estrutura econômica riograndense, bem como as transformações que nela se verificaram.

Apesar de o Rio Grande do Sul ser um dos 5 principais pólos industriais do país, o conjunto de sua economia se assenta em grande parte no setor agropecuário, tanto a nível de produção como de ocupação de mão-de-obra, pelo menos em termos relativos. Quanto ao número de trabalhadores, por exemplo, estatísticas oficiais indicam que, em 1972, a agropecuária empre-

gava 48% da mão-de-obra ocupada no Estado, somando 1.365.219 pessoas, num total de mais de 2 milhões e 800 mil empregados. Era o setor que, segundo as mesmas fontes, proporcionalmente, mais vinha absorvendo mão-de-obra até 5 anos atrás.

Contudo, contrariamente à indústria, a agropecuária é a parte da economia gaúcha que tem menos assalariados, apesar de ter o maior índice de ocupação de mão-de-obra, comparado com os dos setores secundário e terciário. Em 1972, apenas 14,5% dos que trabalhavam no campo percebiam salário, o que é explicado pela realidade da estrutura de produção do setor, onde é maciça a participação do trabalho familiar em minifúndios. Dados preliminares indicaram que, em 1978, estes minifúndios (74,3% das propriedades agrárias) ocupavam tão somente 21% da área rural do Estado, contra 69% da área ocupada pelos latifúndios (compreendendo cerca de 15 milhões de hectares) distribuídos entre apenas 21% das propriedades rurais.

No tocante às transformações ocorridas, pode-se dizer que as de maior peso foram o fomento e direta subordinação do setor agrícola, até certo ponto moderno, e de ramos industriais ao **modelo econômico** exportador do regime militar.

As transformações por que passou a agricultura têm levado à crescente e premeditada secundarização da produção de gêneros alimentícios. É de se citar, por exemplo, o que ocorre com a cultura do feijão preto: de uma área cultivada de quase 260 mil hectares, em 1970, que produziu pouco mais de 245 mil toneladas, passou o Rio Grande a cultivar, em 1977, um total de 175 mil hectares com uma produção de 109 mil toneladas, chegando o Estado à condição de importador para atender o consumo interno, estimado em 180 mil toneladas. A safra de 1980/81 deu-se em maior superfície plantada — 227 mil hectares — mas, em face da baixa produtividade, a colheita não passou de 128 mil toneladas.

Com outras culturas alimentícias verifica-se o mesmo fenômeno. O trigo, segundo estatísticas do governo, teve uma área semeada, na última safra, 33% inferior à de sete anos atrás. Já a soja produto de exportação, registra situação inversa, expandiu-se. De 300 mil hectares plantados em 1962/63, passou a explorar 4 milhões de hectares na safra de 1979/80.

***“Os preços dispararam, privando milhares de famílias de trabalhadores do consumo de alimentos...”***

A conseqüência mais sentida deste processo tem sido a constante redução da oferta de gêneros alimentícios de origem agrícola e o aumento de seus preços. Nas condições atuais de crise, quando passam a influir novos e mais danosos fatores, os resultados aparecem com maior viru-



lência. Os preços dispararam, privando milhares de famílias trabalhadoras do consumo de alimentos na quantidade necessária.

Com o avanço da crise em que o regime militar mergulhou o Brasil, esta realidade desponta ainda mais sombria, uma vez que os déficits na balança comercial e as crescentes somas exigidas para o pagamento de juros e “amortizações” da sempre mais elevada dívida externa, levam o governo dos generais, preso a uma lógica reacionária, a não tocar em seu imutável “modelo exportador”, do qual, como já foi dito, setores da economia riograndense são um componente.

Junta-se a isto outra característica, igualmente saliente, que é a existência, no Estado de um parque industrial cujos ramos mais importantes estão em função da agricultura da região (transformação de produtos agrícolas, produção de máquinas e implementos para a lavoura e a pecuária, de fertilizantes e defensivos contra pragas e da exportação para outros pontos do país e para o exterior. Significa dizer que o desempenho desta indústria está na dependência da conjuntura nacional e da do mercado internacional.

Objetivamente, nestas circunstâncias, a exploração capitalista sobre a classe operária aumenta neste setor sempre que a conjuntura lhe é adversa, como nas condições atuais de crise do capitalismo brasileiro e internacional. Portanto, a contradição fundamental da sociedade capitalista — entre o proletariado e a burguesia — tende a aparecer com maior força, criando melhores possibilidades para que a classe mais revolucionária de nossa sociedade — a classe operária — compreenda a real natureza opressora do capitalismo e o profundo antagonismo existente entre as duas classes.

Esta é uma das transformações ocorridas e que tem um forte peso no momento presente

para os destinos da luta de classes do proletariado.

***“Surgiu, outrossim, uma burguesia agrária, boa parte dela comprimida entre latifundiários (...) e as multinacionais monopolizadoras do comércio externo e da produção de fertilizantes e defensivos agrícolas...”***

Na área da economia agrícola, sua adequação ao mercado externo trouxe alterações expressivas na estrutura social do Estado. No plano das classes dominantes, o monopólio da terra tem-se reforçado e seus detentores, os latifundiários, só fazem enriquecer, seja do ponto de vista patrimonial (passaram a contar com maiores extensões territoriais), seja economicamente, a partir dos elevados lucros obtidos com o arrendamento da terra e de outras formas de especulação. Surgiu, outrossim, uma burguesia agrária, boa parte dela comprimida entre os latifundiários — a quem paga elevados preços pelo aluguel do chão que cultiva — e as multinacionais monopolizadoras do comércio externo e da produção de fertilizantes e defensivos agrícolas, largamente privilegiadas pela política do regime militar, inclusive nestes momentos de crise.

***“Nessas vilas concentra-se hoje um grande contingente de trabalhadores e massas populares revoltados por não terem emprego ou serem subempregados, percebendo uma renda miserável...”***

Por outro lado, milhares de pequenos e médios proprietários têm sido desapropriados de suas glebas, gerando crescente êxodo para os principais centros urbanos, notadamente a Grande Porto Alegre, e para fora do Estado. Com isso, o problema da terra foi agudizado, mantendo na ordem-do-dia, com mais vigor, a luta pela reforma agrária radical. Surgiu ainda uma massa considerável de assalariados agríco-

las permanentes, calculada em torno de meio milhão de pessoas, reforçando o exército dos proletários urbanos, e de assalariados temporários, submetidos a uma exploração intensa e em crescimento contínuo.

Como consequência do êxodo rural, as vilas populares nos principais centros urbanos multiplicaram. Basta dizer que a população da região metropolitana de Porto Alegre (excetuando a capital do Estado) cresceu 74%, entre 1970 e 1980. Nessas vilas concentra-se hoje um grande contingente de trabalhadores e massas populares revoltados por não terem emprego ou serem subempregados percebendo uma renda miserável, por morarem em condições precárias, terem transporte deficiente, não contarem com o atendimento médico necessário e assim por diante. Nessas vilas, o proletariado conta com importante força de choque vivamente interessada em combater, ao lado da classe operária, dos trabalhadores rurais e dos democratas, pela imediata derrocada do regime militar.

***“Este ano, segundo dados oficiais, o custo de vida em Porto Alegre subiu mais que em outras capitais do país, comparativamente ao ano passado”.***

A crise do mundo capitalista, que nos golpeia fortemente devido à dependência da economia brasileira ao mercado externo, à submissão do regime militar ao capital internacional e à política reacionária, antipopular, dos generais, responsável pela pesada situação econômica a que o Brasil foi conduzido, penetra nas mais diversas esferas da economia gaúcha, gerando problemas em cadeia que são descarregados sobre os ombros do povo trabalhador.

A crise é generalizada, vai dos déficits orçamentários do Estado ao aumento do desemprego. Na agropecuária, por exemplo, não só aumentaram vertiginosamente os preços dos gêneros alimentícios, como atingiu a indústria de máquinas e implementos agrícolas, reduzindo a produção e ampliando o número de desempregados. Este ano, segundo dados oficiais, o custo de vida em Porto Alegre subiu mais que em outras capitais do país, comparativamente ao ano passado. Nos primeiros quatro meses de 81, a média de aumentos em nove capitais foi de 29,09%, enquanto em Porto Alegre atingiu

31,12%. Nos últimos 12 meses (até maio), o índice para aquelas capitais ficou em 108,4%, ao passo que na capital gaúcha alcançou 123% no mesmo período. A produção de suínos reduziu-se em 40%, estando prevista uma maior queda determinada pela crise do setor. Os criadores de ovelhas, por sua vez, estão às voltas com enormes dívidas, o mesmo ocorrendo com os rizicultores e os sojicultores, sendo que os pequenos e médios proprietários formam a massa mais atingida. A participação, em divisas, das exportações gaúchas no total do país, tem-se reduzido, caindo de 14,4%, em 1976, para 10%, em 1980. A venda de tratores — setor industrial ligado diretamente à agricultura — caiu 39,2% no primeiro semestre deste ano. As falências de empresas dobraram no Rio Grande do Sul, havendo sido 49, no período de janeiro a maio de 1980, contra 84 no mesmo período do ano em curso. O desemprego industrial cresce significativamente na região metropolitana de Porto Alegre e em Caxias,

onde se estima que mais de 5 mil metalúrgicos, numa categoria de 25 mil, perderam o emprego.

**“... o reacionarismo da política antipopular do regime militar e a crise econômica pioram as condições de vida do povo trabalhador...”**

Se, por um lado, o reacionarismo da política antipopular do regime militar e a crise econômica pioram as condições de vida do povo trabalhador, por outro, aumentam, invariavelmente, os antagonismos de classes e trazem as massas para a luta social, política e econômica. Este ano, tivemos dezenas e dezenas de movimentações de protesto na capital e no interior do Estado, mobilizando trabalhadores de diversas categorias profissionais na luta por seus direitos, além das manifestações de descontentamento dos estudantes contra a má qualidade do ensino.



# Graciliano Ramos e o Partido Comunista

Clóvis Moura

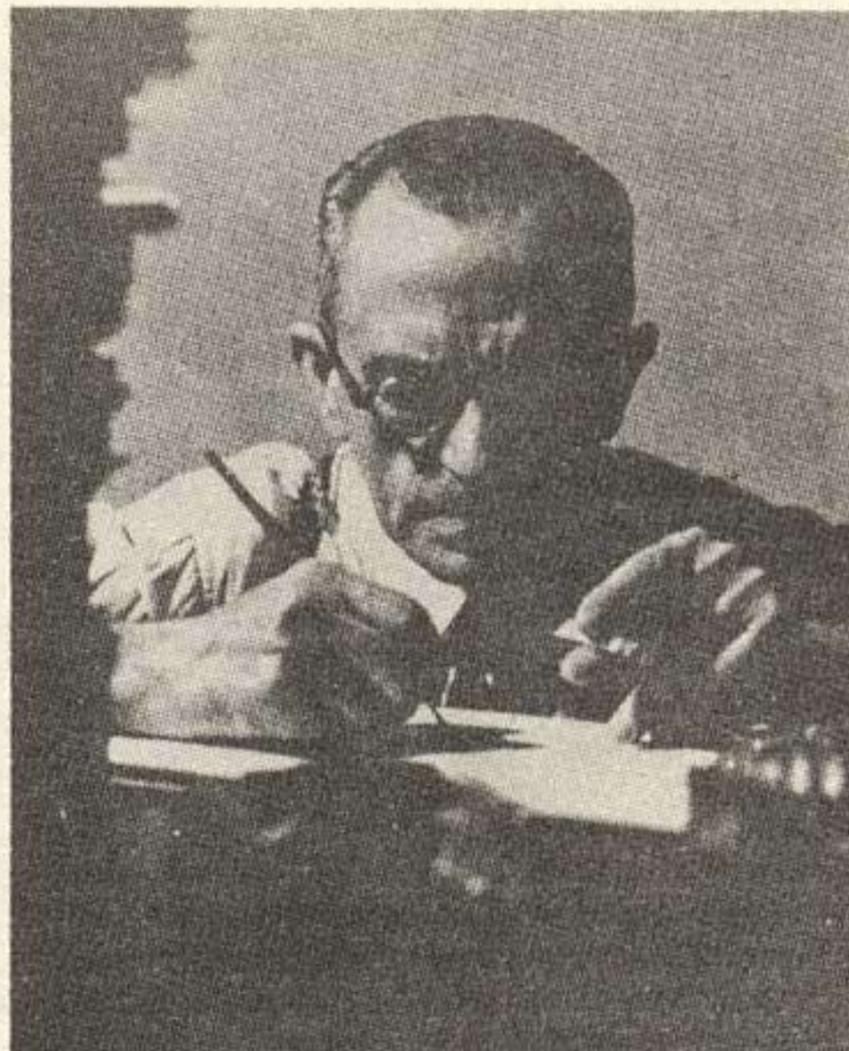
*Liberais e revisionistas procuram apresentar o intelectual como um elemento "independente" indisciplinado e neutro. Graciliano Ramos mostrou, com sua vida e com suas obras, a falsidade desta idéia. Homem de Partido, e exatamente por isto, destacou-se como um dos intelectuais de maior prestígio em nosso país.*

Muito já foi especulado, por parte de setores desligados da realidade do que foi o comportamento do escritor Graciliano Ramos em relação ao Partido Comunista do Brasil do qual era membro. Muitos disseram que ele tinha apenas uma vinculação simbólica com o mesmo, mas, no fundamental, estava desvinculado da sua proposta política revolucionária. Graciliano Ramos — que eu conheci e com o qual conversei muitas vezes sobre o assunto — era, no entanto, um comunista, certo de que aquela ideologia que ele sabia ser o veículo de libertação da classe operária somente poderia ser transformada em realidade através de um instrumento político que seria o partido.

Muitas vezes, setores liberais ou revisionistas tentam apresentar a imagem de Graciliano Ramos como a de um anarcóide, despido de qualquer espírito de disciplina, intelectual que se considerava acima do bem e do mal.

Nada mais errôneo. Graciliano Ramos era um escritor que aceitava o partido como o instrumento político capaz de transformar a sociedade e criar como realidade tudo aquilo que hoje existe apenas como possibilidade para os exploradores.

Essas especulações de possíveis áreas que se dizem "esquerdistas" ou marxistas querem, no entanto, capitalizar para a sua postura anti-re-



*Graciliano - com sua pena e seu cigarro.*

volucionária o legado e o prestígio de Graciliano Ramos. Ele foi, com todos os elementos de conhecimento e sensibilidade, um escrito que reconhecia o Partido como o instrumento capaz de conduzir politicamente a revolução brasileira. Em vários momentos isto ficou claro até a sua morte.

No sentido de restaurar a verdade, no momento em que tantas calúnias são apresentadas como verdade boa e autêntica, e tantas posições verdadeiras são escondidas no sentido de se apresentar as calúnias como paradigma da verdade e a verdade como componente de uma pseudomentira, vale a pena transcrever um documento pouco conhecido no qual Graciliano



Graciliano Ramos com Portinari.

Ramos define o Partido Comunista como o partido da classe operária, num momento em que poucos intelectuais tinham possibilidades de fazê-lo. Partindo da análise de uma posição equivocada de José Lins do Rego, por sinal seu amigo pessoal, Graciliano Ramos apresenta o painel daquilo que representavam os outros partidos ou agrupamentos políticos em relação ao Partido Comunista e a necessidade de existir um partido revolucionário da classe operária.

Graciliano aproveita-se de um momento de reflexão de José Lins do Rego, para, através dessa tomada de consciência crítica, reanalisar o

papel e a função de um partido revolucionário, estabelecendo as diferenças fundamentais e, ao mesmo tempo, estruturando uma posição política revolucionária para a indelectualidade.

Por tudo isto, Graciliano Ramos, apesar da sua posição crítica em relação a algumas posições táticas do Partido, jamais deixou de considerá-lo aquele instrumento político-ideológico

que irá realizar a revolução brasileira. Esta pequena nota introdutória somente tem explicação pelo fato de que iremos, agora, transcrever o documento abaixo no qual, criticando uma posição cética, de intelectual reformista, apresenta, como contrapartida, a proposta do Partido Comunista do Brasil como aquela capaz de transformar a nossa sociedade para formas mais fraternais de convivência humana. Um texto para análise política de todos aqueles intelectuais que desejam a existência de um movimento e um partido que reflitam e protejam a revolução no Brasil.

## A Opinião de Graciliano

*“O meu prezado José Lins, romancista José Lins do Rego, teve há dias, em artigo da imprensa vespertina, um grito de sinceridade, natural no homem que forjou o Ciclo da Cana-de-Açúcar e a figura inesquecível de Vitorino Papa-Rabo. Esse grito deve ter ecoado — longe — e é inútil mencionar tudo quanto encerra o artigo, certamente lido com amargura e raiva por muito político vaidoso.*

*É a confissão espontânea de que o Partido a que se filia o escritor ruiu fragorosamente por ser uma confusa mistura de paixões e interesses diversos. Andou às “tontas”, “sem contato com as massas” e, “num pleito livre, admirável espetáculo de civismo”, perdeu em vinte e quatro horas todos os sonhos acariciados em longos meses de cegueira voluntária, cegueira que o autor de “Bangüê”, depois dessa louvável franqueza, tenta inexplicavelmente prolongar.*

*Aí José Lins se embaraça em contradições. Afirma que só os comunistas têm um “plano estabelecido, com palavras de ordem, firmeza de ação para determinar fins”. “Esses homens são um bloco e rolam como um bloco sobre os fatos”.*

*Que devemos concluir? José Lins diz quatro vezes que essas forças batidas representam a democracia — asserção duvidosa — e conclui:*

*“Por tudo isso, cada vez mais se faz urgente a fundação de um partido democrático que una o Brasil, que seja o verdadeiro amigo do povo, um complexo de idéias generosas, de compromissos com a dignidade humana, sem sectarismo, a bem de nossa terra e de nossa gente”.*

*Reproduzi o período inteiro, a fim de notarmos a incongruência do nosso querido romancista.*

*Quem vai estruturar esse partido? Naturalmente os mesmos homens que se revelam agora incapazes, com certeza pouco dispostos a visitar favelas, pichar muros, viajar centenas de léguas para dizer quatro palavras a algumas dúzias de operários. Assevera José Lins que apesar de terem os "melhores propósitos, a consciência limpa", não conseguiram chegar às massas.*

*Como poderiam chegar? Não nos interessam os bons propósitos e a consciência limpa de certos privilegiados que rodam nos automóveis, infinitamente longe de nós. Basta que um desses cavalheiros, em momento de enjôo, se refira à canalha dos morros, à malta dos desocupados para se desvanecerem todos os bons propósitos. Vivem na superfície, reciprocam amabilidades, incham em demasia — e supõem que atrás deles há multidões emboscadas esperando milagres impossíveis. Nesse período citado integralmente, José Lins, depois de ter sido tão honesto, cai na demagogia e nas promessas vagas". Um partido que seja o verdadeiro amigo do povo, um complexo de idéias generosas, de compromissos com a dignidade humana". Linguagem dife-*

*rente da linguagem ordinária do criador de "Fogo Morto". Palavras, nada mais.*

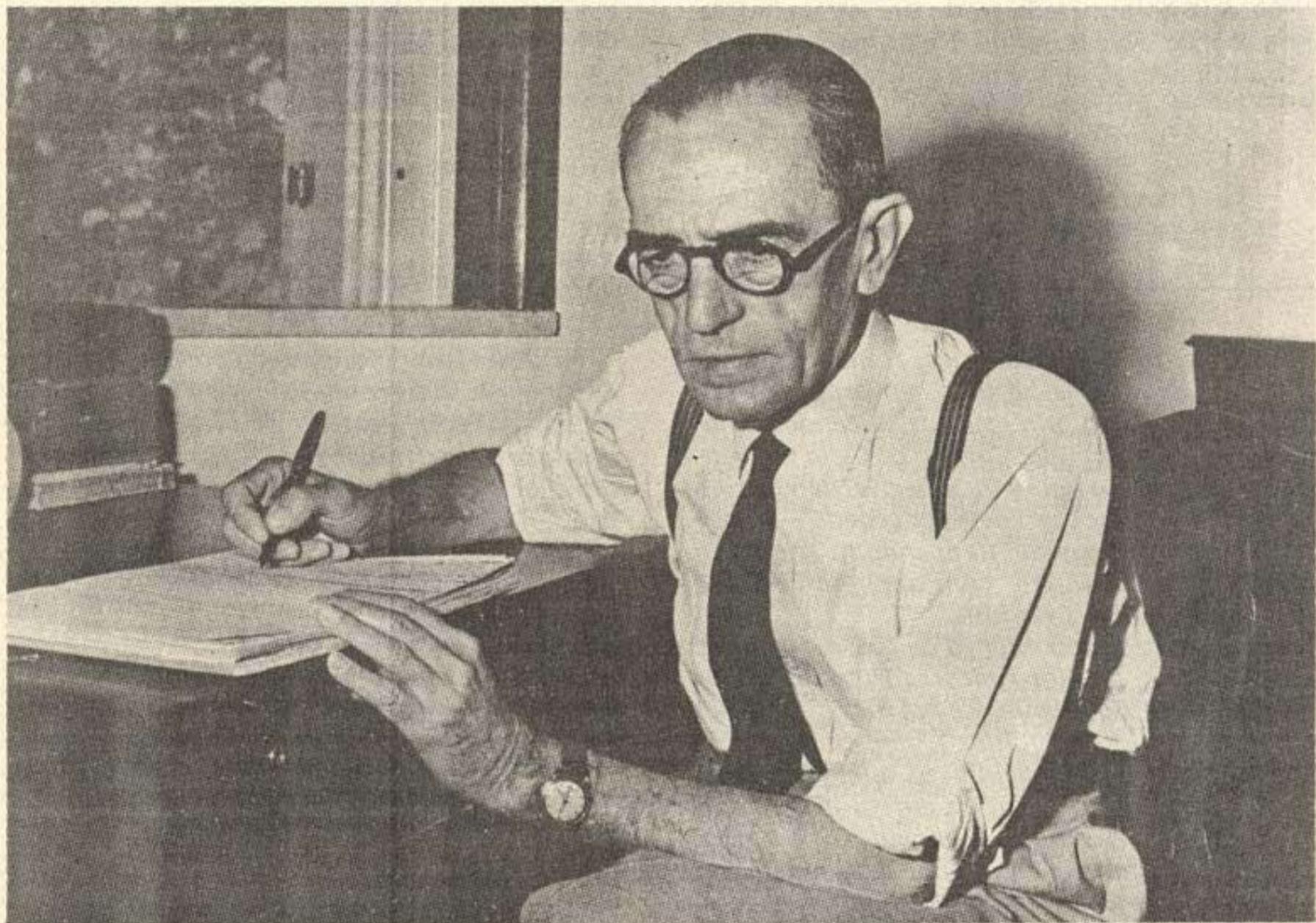
*Isso que José Lins deseja fundar, sem indicar os meios, já existe, segundo ele próprio declara:*

*"Só o Partido Comunista foi um órgão inteiro em todo o território nacional".*

*Diabo! Não é suficiente? Ou será que não somos amigos do povo, não possuímos idéias generosas nem dignidade humana? José Lins não admite semelhante coisa. Observador por índole e por ofício, sabe perfeitamente isto, o único amigo do povo é o povo organizado; temos idéias bem claras, e as idéias generosas dos amigos da onça nos deixam de orelha em pé; a nossa dignidade é pouco mais ou menos igual à dos outros bichos que a humanidade produz.*

*Sinto discordar do meu velho amigo José Lins, grande cabeça e enorme coração. Discordo. Penso como Vitorino Papa-Rabo, notável sujeito que deixou de ser personagem de romance e a esta hora deve fazer discursos numa pequena célula remota, no interior da Paraíba.*

*9 de dezembro de 1945"*



*Graciliano Ramos.*

# PUBLICAÇÕES DA EDITORA ANITA GARIBALDI



**PRINCÍPIOS:** é uma revista trimestral que apresenta assuntos teóricos, políticos e de informação. Aborda, de maneira criadora, a pesquisa científica, particularmente no campo social e do movimento operário, bem como temas como a História, a crítica literária, o progresso da Humanidade e da sociedade brasileira.

PREÇO POR EXEMPLAR: Cr\$ 150,00 - Assinatura anual (4 números): Cr\$ 600,00 - Exterior: US\$20,48 páginas.

**FARABUNDO MARTÍ, HERÓI DO POVO DE EL SALVADOR:** Este livro apresenta a biografia de Farabundo Martí, herói de El Salvador, bem como a luta revolucionária do povo deste país centro-americano nas décadas de 20 a 30. Deu-se o nome de Farabundo à Frente de Libertação que dá continuidade, hoje, à luta libertadora do povo de El Salvador.



PREÇO POR EXEMPLAR: Cr\$ 90,00 - Formato: 15x21 cm. - 32 páginas.



**O IMPERIALISMO E A REVOLUÇÃO:** Com este livro de Enver Hoxha temos em mãos uma poderosa arma de combate. Nele, o autor examina o desenvolvimento da luta de classes no mundo de hoje. Revela os planos dos exploradores, desmascara as teorias oportunistas, delineia a estratégia e a tática revolucionárias dos povos.

PREÇO POR EXEMPLAR: Cr 400,00 - Formato: 13x19,5 cm - Capa Plastificada - 404 páginas.

**O REVISIONISMO CHINÊS DE MAO TSETUNG:** Um livro de João Amazonas que sintetiza o combate dos marxistas-leninistas brasileiros à teoria oportunista dos três mundos e ao chamado pensamento Mao Tsetung - causa e efeito da desastrosa política anti-socialista da China Popular.



PREÇO POR EXEMPLAR: Cr\$ 500,00 - Formato: 13x19,5 cm. - Capa plastificada - 224 páginas.



**TRIBUNA DA LUTA OPERÁRIA:** é o jornal da classe operária e dos trabalhadores brasileiros. Quinzenalmente noticia, analisa e se posiciona sobre os principais acontecimentos econômicos, políticos e sociais do país, principalmente as lutas operárias, camponesas e populares.

PREÇO POR EXEMPLAR: Cr\$ 30,00 - Assinatura (25 edições) - Comum: Cr\$ 750,00; De apoio: Cr\$ 1.500,00.

**AGENDA DA MULHER 1982:** Esta agenda dedica-se a discutir e apresentar temas da atualidade que vêm preocupando as mulheres como a política, o planejamento familiar, as creches, o aborto etc. Apresenta ainda dados biográficos das mulheres que mais se destacaram no Brasil e no Mundo.



PREÇO POR EXEMPLAR: Cr\$ 300,00 - Formato: 12x21 cm. - 144 páginas.

Peço enviar-me as publicações abaixo assinaladas. Para tanto, estou enviando o cheque nº..... no valor de Cr\$ ..... em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 501 - Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01325.

.....exemplar(es) do livro O IMPERIALISMO E A REVOLUÇÃO - Enver Hoxha

.....exemplar(es) do livro FARABUNDO MARTÍ, HERÓI DO POVO DE EL SALVADOR

.....exemplar(es) do livro O REVISIONISMO CHINÊS DE MAO TSETUNG - João Amazonas

.....exemplar(es) da AGENDA DA MULHER 1982

.....assinatura(s) da Revista PRINCÍPIOS (4 edições)

.....assinatura(s) de apoio/comum do jornal TRIBUNA DA LUTA OPERÁRIA (25 edições)

NOME: .....

ENDEREÇO: ..... Bairro: .....

CIDADE: ..... Estado ..... CEP ..... Fone .....

# **A Degenerescência Capitalista da União Soviética**

*“Embora as classes exploradoras possam ser expropriadas rapidamente, as suas idéias, valores e preconceitos, que dominaram a sociedade durante séculos, continuam presentes na cabeça dos homens.”*

\* \* \*

*“As primeiras medidas tomadas em 1957 voltaram-se diretamente contra o caráter centralizado da economia socialista.”*

\* \* \*

*“Em 1976, 17 multinacionais norte-americanas, 18 japonesas, 13 alemãs ocidentais, 20 francesas, 7 italianas etc. tinham-se instalado na União Soviética ou ali possuíam escritórios.”*

\* \* \*

*“Já não restam dúvidas. A sociedade soviética de hoje é afligida por todas as chagas típicas do capitalismo.”*

Do artigo *A Degenerescência Capitalista da União Soviética*, de Luis Fernandes, página 2.